

Ministério da Cultura e Shell apresentam:



12º festival de música erudita do espírito santo





Retire seu ingresso **gratuitamente**, com **uma semana de antecedência** na plataforma Sympla.

Clique aqui para retirar seus ingressos online

Teatro SESC Glória

Av. Jerônimo Monteiro, 428 – Centro, Vitória (ES)

Tel.: (27) 3232-4750

Entrada gratuita | 652 lugares

Casa da Música Sônia Cabral

Praça João Clímaco, s/n – Centro, Vitória (ES)

Tel.: (27) 3132-8399

Entrada gratuita | 230 lugares

Acesse a programação completa e assista à transmissão online em:

festivaldemusicaerudita.com.br



[/festivaldemusicaerudita](#)



[/festivaldemusica](#)

**A Shell acredita na energia
que vem da música.**



Shell patrocinadora master do
12º Festival de Música Erudita do Espírito Santo.

Homenagem

Homenageado Capixaba

Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames)

No seu início, a Faculdade de Música do Espírito Santo foi criada com o nome de Instituto de Música do Espírito Santo – IMES, como um estabelecimento de ensino artístico. Em 1954, a Lei criada sofreu alteração, transformando o IMES em Escola de Música do Espírito Santo (Emes), uma instituição de ensino de natureza pública, passando então a funcionar regularmente em 23 de maio de 1954.

O tempo passou, e a Emes se consolidou como um importante centro acadêmico, passando a se denominar Faculdade de Música do Espírito Santo, com mais um curso de graduação: Licenciatura em Música – Habilitação em Educação Musical.

Aos seus 70 anos, a Fames atende 300 alunos nos seus dois cursos de graduação; oferece cerca de 70 vagas, anualmente, para o Curso de Formação Musical; atende cerca de 80 alunos com mais de 60 anos, no projeto Música na Maturidade; conta com 60 vagas para crianças, no projeto Musicalização Infantil, além de possuir uma oferta anual de masterclasses, palestras, oficinas e eventos científicos, totalmente gratuitos e abertos à comunidade, além de outras ações.



Homenageado Nacional

Violoncelista Antonio Meneses

O violoncelista Antonio Meneses não era um homem de muitas palavras. Não porque não as tivesse, mas porque, desde cedo, foi com a música que ele aprendeu a se relacionar – e a se comunicar – com o mundo.

Nascido em Pernambuco, mudou-se com a família, ainda na infância, para o Rio de Janeiro. O pai era músico, trompista, e cada um dos filhos recebeu um instrumento de cordas. Antonio e Eduardo ficaram com o violoncelo.

Antes de completar 18 anos, sem falar o idioma, mudou-se sozinho para a Alemanha, com o objetivo de continuar os estudos. O que vem depois está nos livros de história: venceu dois dos maiores concursos de música do mundo, o de Munique e o Tchaikovsky. E deu início a uma carreira de escopo internacional.

Os registros que fez ao longo de sua trajetória nos

principais concertos para violoncelo garantiriam a ele lugar entre os grandes intérpretes de sua geração. Mas havia também a música de câmara. E nesse repertório, que assume a forma de um diálogo intimista, poucos foram grandes como ele.

Antonio integrou o Trio Beaux-Arts, ao lado do pianista Menahem Pressler e do violinista Daniel Hope. Gravou Schubert com Maria João Pires; Brahms com Gérard Vyss; Villa-Lobos com Claudio Cruz e Ricardo Castro; música francesa com Cristian Budu; música barroca com Rosana Lanzelotte.

Nesses encontros, a música renascia como diálogo, do intérprete consigo mesmo, mas também com parceiros com os quais ele ampliava a percepção a respeito daquilo que tocava. Sempre na busca pelo equilíbrio entre técnica e inspiração, ou do que chamava de arquitetura da emoção.

E assim ele conversou de forma intensa com o mundo. Palavras... Essas ficam para nós, pálidas na tentativa de definir uma personalidade que ajudou a dar forma, com seu talento e amor pelo violoncelo, ao meio musical brasileiro.

João Luiz Sampaio



Arenas do Íntimo

As novas tecnologias de informação e comunicação têm transformado rapidamente o modo como as pessoas se relacionam e se organizam em sociedade.

Hoje, assuntos que eram restritos à esfera privada se espriam por redes e mares de bits e bytes onde qualquer um pode interagir à vontade.

Ao mesmo tempo, questões públicas antes mediadas por diversos campos sociais institucionalizados, como o jornalismo e os poderes políticos, são agora moldadas também pelo impulso comunicativo do cidadão comum.

Se essas transformações trouxeram algum otimismo pela possibilidade de uma suposta facilidade de comunicação entre as pessoas, e de uma maior participação democrática nos delineamentos da sociedade, hoje começamos a perceber que tais mudanças apontam também para horizontes pouco esperançosos, como polarizações, obscurantismos e até mesmo guerras.

O 12º Festival de Música do Espírito Santo se volta para essas questões prementes do momento atual e se propõe a refletir sobre as relações entre intimidade, sociedade em rede, comunicação e dinâmicas de poder.

Sob o título Arenas do Íntimo, esta edição será aberta pela estreia de Clitemnestra, ópera inspirada na Orestéia de Ésquilo, com música de Marcus Siqueira, libreto de minha autoria e de João Luiz Sampaio, e colaboração de Gabriel Rhein-Schirato, que estará à frente da OSES - Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo na regência do espetáculo. A direção cênica é de Menelick de Carvalho, a preparação vocal, de Fabio Bezuti, e o elenco é formado pelas

sopranos Gabriella Pace e Débora Faustino, o baixo-barítono Fellipe Oliveira, o tenor Daniel Umbelino e a mezzo-soprano Priscila Aquino.

O enredo gira em torno da rainha Clitemnestra e sua trajetória pessoal e política após o assassinato de Ifigênia, sua filha, pelo próprio pai Agamênon, comandante do exército grego na guerra de Tróia. Dentre os temas principais desta nova obra do Núcleo de Criação de Ópera do Festival, estão a insubordinação feminina e os intrincamentos da esfera privada com a dimensão pública.

Nos finais de semana seguintes, o Festival apresenta uma série de cinco concertos de câmara com curadoria de João Luiz Sampaio que abordam, entre outros temas, a relação entre o indivíduo e o coletivo, a escuta e a percepção de nós mesmos e dos outros em espaços de interação social, comunicação e novas tecnologias e identidades. Assim como a ópera, os concertos trazem grandes nomes brasileiros da atualidade, como o violonista Fabio Zanon, o pianista Ricardo Ballestero e a mezzo-soprano Ana Lucia Benedetti, e jovens talentos capixabas, como o pianista Willian Lizardo e a fagotista Ariana Mendonça.

Como nas recentes edições do Festival, o repertório dos concertos tem uma forte presença de obras de compositoras e de repertórios pouco conhecidos do público, especialmente dos séculos XX e XXI.

Em sua 12ª edição, o Festival celebra a continuidade da parceria com a Shell e com a OSES e, com o 5º VOE (Vitória Ópera Estúdio), o 4º Opera-cional, e o 3º Concurso de Canto Natércia Lopes, a expansão de seus programas de fomento à ópera e formação de artistas.

Realizado em julho de 2024, o VOE ofereceu, pela primeira vez, bolsas a todos os participantes. Nessa edição, alunos vindos das cinco regiões do Brasil participaram de três módulos - interpretação musical e cênica, regência e correpetição e, como conclusão do programa de formação, apresentaram o espetáculo La Scala di Seta, de Gioacchino Rossini, dirigido pelo renomado encenador italiano Marco Gandini.

Além das atrações apresentadas nos teatros, o Festival segue com suas iniciativas de acessibilidade e inclusão em mais dois projetos - o Ópera nos Bairros, que levará a comunidades

tradicionais o espetáculo Rossini por um fio, do grupo Pequeno Teatro do Mundo, e Concertos Itinerantes, com apresentações do Quarteto Zuri em diversos espaços públicos da Grande Vitória.

No encerramento desta nova edição, receberemos os vencedores do 3º Concurso de Canto Natércia Lopes, em um concerto com a OSES regido pelo maestro Helder Trefzger.

Um ótimo Festival a todos!

Livia Sabag, diretora artística

Curadoria Concertos de Câmara

A estimulante proposta temática colocada por Livia Sabag, diretora artística do festival, nos põe em contato com questões centrais de nossa época. Entre o individual e o coletivo, diferentes dimensões da vida em sociedade se colocam. E não há como pensá-las sem levar em conta a presença impositiva da tecnologia, que nos aproxima ao mesmo tempo que torna superficial nossa relação com nós mesmos e com os outros - relação na qual velhos fantasmas, como o ódio e a intolerância, ganham novo fôlego.

Uma realidade incontestável de nossa época é a rapidez com que as transformações se dão, o que torna fugaz e, no melhor dos casos, provisória, cada resposta aos estímulos do mundo à nossa volta. Assim, a curadoria dos concertos desta edição se propôs, mais do que encontrar respostas, a buscar perguntas que nos possibilitem ter maior consciência a respeito de nosso tempo e seus desafios.

Em Montanhas que Escalo, recital do violonista Fabio Zanon, coloca-se uma reflexão sobre a identidade e o modo como a construímos, levando em consideração, na medida em que olhamos para o século XXI, diferentes narrativas que revelam experiências únicas silenciadas durante tanto tempo.

Retorno à Intimidade, com o flautista Lucas Rodrigues, a fagotista Ariana Mendonça e o clarinetista Cristiano Costa, explora o modo como nos expomos nas redes sociais - e o significado que essas interações ganham em um contexto marcado pela superficialidade que nos impede de olhar profundamente para o que somos e como nos inserimos em nosso mundo.

Nesse processo de redescoberta do "eu", está também a necessidade de entender o mundo não apenas como um espelho do que somos, mas o contato com a diferença como forma de aprendermos sobre nós próprios. E é sobre essa noção que se articula o programa batizado de Reflexos Infinitos, que une o piano de William Lizardo e o oboé de Nathalia Maria.

Em Vozes Interrompidas, a mezzo-soprano Ana Lucia Benedetti e o pianista Ricardo Ballesteros nos conduzem a um contexto que submeteu trajetórias individuais de artistas a perseguições políticas e ao preconceito, um lembrete sobre a autoritarismo e opressão que seguem à nossa espreita.

Olhe para Mim, me Escute explora o impacto que a tecnologia tem no modo de nos comunicarmos e como ela configura um novo espaço de convivência coletiva – e o faz por meio da música para percussão, com a participação de Gabriel Novais, Daniel Lima e Léo de Paula, e da violoncelista Liana Meirelles Paes.

Se cada recital tenta eleger temas específicos em meio a desafios de nosso tempo, sugerindo, a partir do micro, reflexões sobre o macro, é verdade também que eles estão interligados em um emaranhado que muitas vezes pode parecer impenetrável. Assim, podemos entender as apresentações também como um fluxo contínuo, em que músicos e obras estabelecem entre si reflexões e questionamentos.

Tudo isso a partir de uma crença fundamental: a de que, ao longo dos séculos, permaneceu constante a presença da arte. E sua capacidade de, mesmo quando dialoga com aspectos específicos da contemporaneidade, nos levar em direção a percepções e descobertas que extravasam o momento e nos ajudam a pensar sobre questões que são, na verdade, inerentes à condição humana.

Bom festival!

João Luiz Sampaio

Edições anteriores



2023

A 11ª edição foi uma das mais marcantes da história do Festival, tanto pelo crescimento e solidificação de projetos desenvolvidos nos últimos anos, como pelo estabelecimento de novas colaborações artísticas, como a OSES - Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo, que foi correalizadora em diversos projetos do Festival.

Sob a direção artística de Livia Sabag, o Festival realizou, pela primeira vez em uma única edição, um conjunto de cinco iniciativas voltadas ao gênero operístico: o 4º VOE (Vitória Ópera Estúdio), projeto de formação que recebeu alunos de todo o Brasil, o 4º Ópera nos Bairros, o 3º Opera-cional (projeto de formação para técnicos do campo da ópera), o 2º Concurso de Canto Natércia Lopes e o projeto de criação de novas óperas com artistas convidados em colaboração com o núcleo artístico do Festival.

O Festival deu continuidade à realização de obras de compositoras, repertórios pouco conhecidos do público, principalmente dos séculos XX e XXI, a música brasileira e a participação de músicos capixabas, e apresentou uma programação criada pelo curador convidado João Luiz Sampaio a partir de reflexões sobre a alteridade.

Dentre os concertos e espetáculos, a ópera “Contos de Julia”, criada para a abertura do Festival, teve um destaque especial. A produção, regida pelo maestro Gabriel Rhein-Schirato e dirigida pela encenadora Julianna Santos, ganhou o Prêmio Lauro Machado Coelho de Ópera, da Revista Concerto, considerado o mais importante da área no Brasil.



2022

Em 2022, na sua 10ª edição, o Festival trouxe como inovações a encomenda de obras para a sua abertura, incluindo um ciclo de canções e uma ópera, e a expansão das ações socioeducativas, com apresentações em espaços públicos e intervenções artísticas na cidade. A programação teve como eixo central as diversas relações do homem com o tempo e percepções da própria existência humana através dessas relações. Além das obras encomendadas - o ciclo de canções O Tempo e o Mar, com música de Marcus Siqueira e poemas de Geraldo Carneiro, e a ópera A Procura da Flor, composta por André Mehmari para um libreto de Carneiro -, entre os destaques desta edição tivemos a estreia brasileira de Dar Tempo ao Tempo, de Eurico Carrapatoso, e o retorno da Orquestra Jovem Vale Música.

A edição de 2021 do Festival, intitulada “Poéticas de Sombra e de Luz”, refletiu sobre o papel da arte em momentos de crise, explorando as relações interpessoais e a complexidade humana. Com ênfase nos temas do amor e da morte, o repertório apresentou obras dos séculos XX e XXI e mais uma vez contou com uma forte presença de obras de compositoras, além da participação de compositores portugueses. Metade dos concertos foi realizada em formato híbrido, ampliando o alcance do Festival e contribuindo para a divulgação de um repertório pouco conhecido, bem como para a divulgação de músicos brasileiros e da cena capixaba.

2021



2020

A partir de 2020, o Festival teve seu projeto artístico reformulado. Passou a adotar um projeto curatorial, comandado pela premiada encenadora de ópera Livia Sabag, e inaugurou uma linguagem audiovisual de concertos transmitidos online, dirigidos pela cineasta Úrsula Dart. Com o tema “Fronteiras: interdição e permeabilidade”, a programação destacou compositores brasileiros, portugueses e latino-americanos, com ênfase em obras de compositoras. Dos 40 compositores do repertório, 22 eram mulheres. As inovações resultaram em uma indicação ao Prêmio da Revista Concerto na categoria “Reinvenção na Pandemia”.

A edição de 2019 manteve a programação itinerante e realizou mais oito concertos, duas óperas encenadas e um curso de formação, totalizando 22 apresentações. O destaque naquele ano foi a Ópera Carmen, com mais de 140 artistas em palco, incluindo nomes consagrados como Luciana Bueno, Fernando Portari, Homero Velho e Gabriella Pace.

2019



2018

Em 2018, o Festival de Música Erudita do Espírito Santo extravasou mais uma vez o espaço do teatro, com uma programação diversificada e gratuita de música clássica e ópera na Grande Vitória, que incluiu: o circuito itinerante em escolas da rede pública de ensino, asilos, igrejas e patrimônios; a 5ª Exposição de Artes Visuais Patrimonial; uma homenagem ao maestro Roberto Duarte e ao professor capixaba Alceu Camargo; oito concertos; uma ópera brasileira encenada; e um espetáculo músico-teatral em homenagem ao Dia da Consciência Negra, dirigido pela ativista Kiusam de Oliveira.

Na edição de 2017, foi destaque o Festival Itinerante nas praias, que aconteceu em escolas da rede pública de ensino e em um asilo. Outro projeto do Festival, a Mostra de Artes Visuais, teve a coordenação da artista plástica Vânia Caus. Destacamos ainda a presença da pianista Linda Bustani, do violonista Turíbio Santos, da soprano norte-americana Maria Russo e do pianista Fábio Bezuti, e o retorno da cantora lírica brasileira Eliane Coelho.

2017



2016

Em 2016, o Festival contou com a presença dos pianistas Eduardo Monteiro e Nahim Marun, do maestro Gabriel Rhein-Schirato, da encenadora Livia Sabag e da cantora Caroline de Comi, entre outros.



Entre os destaques da edição de 2015, houve o lançamento do livro Inventário do Acervo da Companhia de Ópera do Espírito Santo, coordenado e pesquisado pela arquivista Leila Valle e pelo próprio Tarcísio. O Festival contou ainda com as participações do pianista Christian Budu, do barítono uruguaio Alfonso Mujica e do pianista Fábio Bezuti.

2015



2014

Em 2014, Tarcísio passou a dividir a direção do Festival com Natércia Lopes. Esta edição recebeu duas críticas positivas na mídia nacional - Concerto de Abertura e ópera Barbeiro de Sevilha - e ficou também marcada pela presença, pela primeira vez no Estado, da cantora brasileira Eliane Coelho.



A primeira edição do Festival aconteceu de 3 a 30 de novembro de 2013, no Teatro Carlos Gomes, em Vitória, e contou com cantoras como Rosana Schiavi e Carolina Faria e o pianista Ney Fialcow. Foram 19 apresentações, com um público de aproximadamente seis mil pessoas. Desde então, o Festival tem mantido edições anuais, sempre no mês de novembro.

2013



Quem somos



COES

Cia de Ópera do
Espírito Santo

A Companhia de Ópera do Espírito Santo (COES) é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 10 de janeiro de 2011 pelo Diretor-Presidente Tarcísio Santório.

O projeto da Companhia foi elaborado e concretizado a partir de resultados de pesquisas acadêmicas e estudos sobre o mercado de trabalho de artistas e técnicos do campo da cultura formados ou residentes no Espírito Santo.

A COES tem como principal objetivo atuar na área de gestão cultural, visando à democratização da cultura através da criação, divulgação, produção, difusão e preservação de projetos culturais. Além disso, tem como objetivo fortalecer as várias linguagens culturais, assim como conscientizar artistas, produtores, gestores públicos, agentes culturais e a comunidade da importância sobre a cultura operística como possibilidade de desenvolvimento humano, cultural e econômico.

Direção Geral

Tarcísio Santório

Administrador, profissional de marketing, contabilista, organizador, projetista e produtor. Atento às transformações do mercado e ciente da importância da valorização da cultura, o capixaba revela-se um projetista cultural sensível e dinâmico, produzindo projetos criativos de alta valorização social e ao mesmo tempo cultural. Traz na bagagem eventos realizados para empresas com credibilidade no mercado nacional e internacional. Além de gestor da Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo, exerce o cargo de presidente da Companhia de Ópera do Espírito Santo. Foi um dos diretores e fundador do Fórum Brasileiro de Ópera, Dança e Música de Concerto e membro por dois mandatos do Conselho Estadual de Cultura (Câmara de Artes Musicais). Em 2015, lançou, em parceria com a arquivista Leila Valle, o livro Inventário do Acervo da Companhia de Ópera do Espírito Santo - As óperas encenadas no Espírito Santo e, em 2020, Memórias da Serra, em parceria com a jornalista Carol Veiga.





Direção Executiva Natércia Lopes

Bacharela em História pela UFES e em Canto pela EMES, aperfeiçoou-se no Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, tornando-se a cantora lírica capixaba de maior expressão. Na Itália, estudou no Teatro Alla Scala, com os maestros Romano Gandolfi, Carlo Camerini e Otello Borgonovo. Em Siena, estudou na Accademia Chigiana, com o prestigiado maestro Giorgio Favaretto. Cantou na Polônia, França, Portugal e nos principais teatros brasileiros. Foi diretora da FAMES e coordenadora de cultura da UFES. Atuou como diretora artística do Festival de Música Erudita do Espírito Santo de 2014 a 2021, ano em que recebeu o título de “imortal” da Academia de Música do Brasil.

Direção Artística Livia Sabag

Formada em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo. Recentemente, dirigiu uma nova produção de Madama Butterfly apresentada no Teatro Colón de Buenos Aires e no Theatro Municipal de São Paulo. Em 2022, assinou a direção cênica das estreias de duas óperas brasileiras, A Procura da Flor e O Canto do Cisne. Em 2019, sua encenação de L’Italiana in Algeri, no Theatro São Pedro, foi eleita a melhor montagem de ópera pelo Guia da Folha de São Paulo. Dentre suas produções premiadas estão também Salomé, vencedora do Prêmio Concerto 2014, e L’Enfant et les Sortilèges, condecorada com seis prêmios no XV Prêmio Carlos Gomes. Desde 2022, é diretora artística do Festival de Música Erudita do Espírito Santo, no qual atuou como curadora em 2020 e 2021. Foi idealizadora e curadora da Academia de Ópera 2021, da Fundação Clóvis Salgado, ao lado do maestro Gabriel Rhein-Schirato.



Maestro e Consultoria Musical Gabriel Rhein-Schirato

Graduado em Música com habilitação em piano e regência pela Universidade de São Paulo (USP), com especialização e pós-graduação na Alemanha. Nos últimos anos, vem se destacando como um dos profissionais mais importantes do campo da ópera no Brasil, participando em montagens de grandes teatros, como o Teatro da Paz, de Belém, e o Palácio das Artes, de Belo Horizonte, além de colaborar com projetos de formação de artistas e com a criação de novas óperas.



Curadoria dos concertos de câmara da 12ª Edição João Luiz Sampaio

Jornalista, escritor e crítico musical, editor-executivo da Revista CONCERTO e crítico do jornal O Estado de S. Paulo. É autor, entre outros livros, de Ópera à Brasileira e de biografias de importantes nomes da música. Escreveu o libreto das óperas Canções do Mendigo e Três Minutos de Sol, com música de Leonardo Martinelli. Atuou como orientador no Ateliê de Criação: Dramaturgia e Processos Criativos, do Palácio das Artes de Belo Horizonte, e é professor do Atelier de Criação de Óperas do Theatro São Pedro (SP). Já realizou curadorias de séries de concertos dedicadas à ópera e à música contemporânea em instituições como a CPFL Cultura e o Sesc.



Sustentabilidade



O 12º Festival de Música Erudita do Espírito Santo soma 50 dias de evento, com 22 dias de apresentações, 8 dias de montagem/desmontagem de estruturas físicas, 180 músicos e cerca de 100 pessoas envolvidas na organização. Toda essa movimentação gera emissões de gases de efeito estufa (GEE) decorrentes, principalmente, da montagem e do transporte do staff e dos músicos.

Para mitigar esse impacto, pelo segundo ano consecutivo, fizemos o inventário prévio de nossas emissões de GEE relativas às atividades programadas para 2024 e fizemos a compensação de 100% das emissões por meio do apoio ao Terrus Carbon Coffee, primeiro projeto brasileiro de agricultura regenerativa auditado pelo Carbon Fair Standard.

Recebemos, assim, o Selo Evento Neutro Carbon Fair/Eccaplan, consultoria que nos apoia nessa iniciativa.

[Clique aqui para saber mais sobre o projeto apoiado e o funcionamento da compensação de carbono.](#)

Nossa contribuição para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

Ano após ano, o Festival de Música Erudita do Espírito Santo tem proporcionado e expandido uma série de projetos que enfocam obras de compositoras e o repertório brasileiro, que fomentam a criação e a inovação artística e promovem a formação e especialização profissional, entre outras iniciativas que buscam, sobretudo, estabelecer pontes e diálogos entre pessoas, entre culturas e entre o nosso Festival e a sociedade.

Além de impulsionar a presença feminina nos palcos e de fomentar a produção cultural brasileira, assumimos o compromisso de levar a música erudita para as ruas de Vitória, asilos, escolas e comunidades indígenas, tornando a arte acessível para todos.

Desenvolvemos, ainda, projetos de formação profissional para artistas e técnicos que desejam atuar em produções operísticas. Dessa forma, contribuímos para os seguintes Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS):





Programação Completa

Ópera

Clitemnestra

Sexta-feira, 8 de novembro, às 20h,
e domingo, 10 de novembro, às 18h



Teatro SESC Glória

Av. Jerônimo Monteiro, 428 – Centro, Vitória

[Clique aqui e acesse o
libreto completo](#)

Música: Marcus Siqueira

Libreto: Livia Sabag e João Luiz Sampaio

Direção Musical e Regência: Gabriel Rhein-Schirato

Direção Cênica: Menelick de Carvalho

Pianista e Preparador Vocal: Fábio Bezuti

Cenário: Nicolás Boni

Figurinos: Fabio Namatame

Iluminação: Fábio Retti

Visagismo: David Scardua

Elenco: Gabriella Pace (Clitemnestra), Fellipe Oliveira (Agamémnon e Orestes), Débora Faustino (Cassandra), Daniel Umbelino (Vigia), Priscila Aquino (Criada)

Sobre o espetáculo

Clitemnestra é uma ópera em dois atos, livremente inspirada na Orestéia de Ésquilo, com música de Marcus Siqueira, libreto de Livia Sabag e João Luiz Sampaio e colaboração de Gabriel Rhein-Schirato, artistas que formaram o Núcleo de Criação de Ópera desta 12ª edição do Festival.

O enredo gira em torno da rainha Clitemnestra e sua trajetória pessoal e política após o assassinato de Ifigênia, sua filha, pelo próprio pai, Agamênon, comandante do exército grego na guerra de Tróia.

A obra expõe as relações de Clitemnestra com os homens de sua família e com o povo grego, revelando intricamentos da esfera privada com a dimensão pública e a luta solitária de uma mulher por justiça e poder.

Em sua terceira colaboração com o Festival, Siqueira apresenta uma obra estruturalmente coesa, na qual desdobramentos de identidades sonoras ligadas a personagens, ideias ou ações sugerem subtextos que aprofundam elementos da dramaturgia.

Arquétipos musicais evocados e retrabalhados se amalgamam ao perfil psicológico dos personagens através de uma orquestração rica e variada que reforça, a cada cena, a expressão vocal.

Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo

Flauta: Danilo Klein

Piccolo: José Benedito Gomes

Oboé: Alexandre Barros

Oboé II / Corne Inglês: Jonathan Yoshikawa

Clarinete: Danilo Soares

Clarone: Cristiano Costa

Fagote: Deyvisson Vasconcelos

Contrafagote: Felipe Reis

Trompas: Guilherme Catão, Alan Vinicius, Jdiordy Lucca e Ury Vieira

Trompetes: Renan Sena, Mizael de Andrade e Anderson Ferreira

Trombones: Fredson Luiz Monteiro, Ricley Ribeiro e Jorge Luiz de Melo

Tuba: Deivid Peleje

Percussão/Figuração: Cristiano Charles, Daniel Lima, Léo de Paula e Gabriel Novais

Harpa: Maíni Moreno

Violinos 1: Diego Adinolfi (spalla), Jacqueline Lima, Felipe Ribeiro, Wagner de Souza, Oscar Orjuela e Emily Cristina

Violinos 2: Dennys Serafim, Gabriel Alomba, Lucas Rodrigues, Kedma Johnson, Karen Silva e Wellington Rodrigues

Violas: Rodney Silveira, Ildfonso Barros, Daniel Amaral e Rafael Nunes

Violoncelos: Jonathan Azevedo, Christian Munawek, Jessica Vianna e Fabrício Moura

Contrabaixos: Felipe Medeiros, Leandro Nery e Jean Almeida

Recital de piano e oboé

Reflexos infinitos

Sexta-feira, 15 de novembro, às 20h



Casa da Música Sônia Cabral

Praça João Clímaco, s/n – Centro, Vitória

Piano: Willian Lizardo

Oboé: Rodrigo Herculano

Paavel Haas

Suíte para oboé e piano

Clara Schumann

Três romances op. 22

Deise Hattum

Canção do Adeus

Claude Debussy

Reflets dans l'eau

Arvo Pärt

Spiegel im spiegel

Francis Poulenc

Sonata para oboé e piano

Sobre o espetáculo

Somos o resultado do conjunto de experiências recolhidas ao longo do tempo, e é por meio do que somos que compreendemos o mundo. Cada experiência individual oferece, assim, um olhar único e pessoal para o que chamamos de realidade. E, então, é como se observássemos um espelho em que vemos refletidos, em nossas percepções sobre o mundo, aquilo que somos.

A valorização de diferentes experiências individuais – e da multiplicidade de narrativas que ela sugere – é uma das marcas de nosso tempo. Ainda assim, é preciso que, para o individual não se tornar sectário, busquemos a capacidade de ir além de nosso próprio espelho para reconhecer o espelho do outro. E nele encontrarmos elementos para compreendermos a nós próprios e o mundo.

O programa do recital aborda, por meio da metáfora do espelho, os mecanismos da relação que mantemos com nossa experiência e com a dos outros no espaço de interação social. Estamos mesmo dispostos a olhar o outro? E a fazê-lo pautados pelo respeito?

Começamos no final da década de 1930. A ascensão do nazismo e o assassinato de milhões de judeus foram exemplos extremos da incapacidade de reconhecer o outro que, naquele momento, foi aniquilado em nome da afirmação da identidade de um regime. O compositor Pavel Haas escreve naquele momento sua *Suíte para oboé e piano*, que expressa o clima sombrio que começava a se desenhar à sua volta.

Claude Debussy ficou conhecido como representante do impressionismo na música, um movimento do final do século XIX que sugeria uma arte feita não do retrato do real, mas da

percepção do artista sobre ele. Uma das características desse movimento era a aceitação da mudança, do modo como a realidade está sempre se transformando à nossa volta, como em um reflexo na água, tornado diferente a cada mover das ondas.

Na história da música, o termo “romance” refere-se a peças de caráter normalmente pessoal, que revelam um olhar delicado e gentil, que Clara Schumann, em seus *Três Romances*, dirige ao marido, Robert. Por sua vez, a expressão *Spiegel im Spiegel* pode ser traduzida como “espelho no espelho”. E a peça de Arvo Pärt coloca, assim, a sugestiva imagem de uma sucessão infinita de reflexos.

A origem da *Canção do Adeus*, de Deise Hattum, está ligada à criação de outra obra. Enquanto ela escrevia um alegre choro, uma melodia de caráter mais introspectivo não deixava sua mente, ainda que não combinasse com a partitura na qual trabalhava. Com a peça finalizada, ela então voltou ao piano para compor essa canção, nascida, assim, daquilo que parecia o seu completo oposto.

A *Sonata para oboé*, de Francis Poulenc, encerra o programa. A peça faz parte de um grupo de três obras, cada uma para um instrumento diferente. Entre elas, porém, levando em consideração o som individual de cada instrumento, há uma série de diálogos e melodias compartilhadas, às vezes de forma similar, às vezes ao contrário, simbolizando uma natureza humana na qual há semelhanças mesmo nos contrastes.

João Luiz Sampaio

Trio de madeiras

Retorno à intimidade

Sábado, 16 de novembro, às 20h

 Casa da Música Sônia Cabral
Praça João Clímaco, s/n – Centro, Vitória

Flauta: *Lucas Rodrigues*

Fagote: *Ariana Mendonça*

Clarinete: *Cristiano Costa*

Beethoven <i>Dueto n° 3</i>	Jennifer Higdon <i>rapid.fire</i>	Francisco Mignone <i>Valsa declamada</i> <i>Valsa ingênua</i>	Marisa Rezende <i>Variações</i>	Ian Deterling <i>Dueto</i>
Guilherme Bauer <i>Interferências</i>	Henrique de Curitiba <i>Estudo aberto</i>		Guilherme Bauer <i>Gradações</i>	Charles Koechlin <i>Trio op. 92</i>

Sobre o espetáculo

A internet ofereceu às pessoas a promessa de conhecimento ilimitado e de uma capacidade de comunicação jamais imaginada. E, ao lado dessas possibilidades, nos entregou as redes sociais: um espaço privilegiado de interação, sim, mas que carrega uma lógica específica, que potencializa questões próprias do ser humano.

Expomos na rede a nossa intimidade. E recebemos de volta a intimidade exposta pelo outro. Mas que intimidade é essa? Na rapidez das trocas, somos impelidos a permanecer em contato apenas com o que é imediato – e condicionados por algoritmos a ver o que já conhecemos e conosco se parece.

É uma combinação perigosa. A busca por uma autoafirmação constante e muitas vezes cega deixa pouco espaço para as nuances, atropeladas pela dinâmica vertiginosa da arena virtual. E, sem o contraditório, o reforço de uma mesma ideia pode levar ao obscurantismo, ao ódio, à intolerância. É desse risco – e da importância do espaço para reflexões que nos ajudem a compreender nós mesmos e os outros – que fala o programa do recital.

O Dueto n° 3 de Beethoven é símbolo de um mundo analógico, o do século XIX, marcado pelo ato de contemplar a natureza e perder-se de forma livre e despressada nesse contato. A paisagem quase idílica, no entanto, aos poucos começa a se transformar. As Interferências de Guilherme Bauer nos apresentam os primeiros ruídos externos e, então, Jennifer Higdon nos invade com a raiva, o ódio e o terror do retrato que faz da violência que nasce da intolerância.

O Estudo Aberto de Henrique de Curitiba devolve ao programa o valor do diálogo – e mostra como ele pode ser multifacetado.

Não se trata apenas de observar a conexão entre o som de cada um dos instrumentos, mas de se dar conta de como ela muda à medida que os músicos traçam seu caminho ao andar pela sala.

As valsas são um gênero conhecido dentro da história da música, associadas à Viena do século XIX. Mas nada é imutável, e elas foram sendo recriadas de acordo com a sensibilidade de épocas diferentes – e da subjetividade de quem as cria. Foi o caso de Francisco Mignone, ao buscar dentro da valsa uma atmosfera brasileira, quase seresteira.

Marisa Rezende, por sua vez, cria, logo no início de suas Variações, uma melodia que, em suas palavras, “bem poderia ser uma valsinha”. Mas ela vai sendo transformada, fragmentada, distorcida – uma maneira, ela explica, de retratar a inquietação de nosso tempo, que nasce justamente do modo como percebemos o mundo.

Uma percepção que é feita de fragmentos que, à medida que são colocados lado a lado, formam um mosaico que, em sua multiplicidade, nos leva a um retrato mais rico do que observamos – ou ouvimos, no caso das Gradações, de Guilherme Bauer.

Para tanto, é preciso ter disposição para ir além do que é imediato – e também tempo e espaço para percorrer esse caminho, ideia que está na base da inspiração que levou Ian Deterling a criar seu Dueto. E que se revela também na combinação de vozes do Trio de Charles Koechlin, imbuída do espírito humanista de um compositor que defendeu a liberdade e a independência, para si e para todos.

João Luiz Sampaio

Percussão e violoncelo

Olhe para mim, me escute

Sexta-feira, 22 de novembro, às 20h



Casa da Música Sônia Cabral

Praça João Clímaco, s/n – Centro, Vitória

Percussão: Gabriel Novais, Daniel Lima e Léo de Paula

Violoncelo: Liana Meirelles Paes

Steve Reich

Clapping music

David Lang

Stuttered chant

Andy Akiho

Stop Speaking

Niamh O'Donnell

Hear Me, See Me

Kirsten Strom

Time is Money

Ney Rosauero

Duas peças

Benjamin Holmes

Satellite

Reesa Esmail

Perhaps

Denise Garcia

Tríplice Andar

Sobre o espetáculo

A tecnologia está no centro das transformações pelas quais a sociedade contemporânea tem passado. Ela torna a vida mais fácil, traz avanços e aproxima as pessoas. Mas, com o tempo, começamos a viver em função dela. E as mudanças que ela traz influenciam o modo de nos comunicarmos, o espaço de convivência coletiva – e até mesmo o que significa ser humano.

Em *Clapping Music*, Steve Reich criou uma música que não necessita de nenhum instrumento, apenas do corpo humano. Escrita no final dos anos 1980, ela segue atual ao nos lembrar como a expressão está, antes de tudo, no corpo, nos sentidos, no olhar, no ouvir.

A obra de Reich aborda uma interação íntima entre as pessoas. É disso que falamos também em *Duas Peças* de Ney Rosauero. Elas foram criadas a partir de uma carta a um amigo que o compositor perdeu e são, assim, uma música feita de afeto, de lembranças e, portanto, de outro tipo de mecanismo: o da nossa memória, que preserva e recria esses sentimentos. *Stuttered Chant*, de David Lang, por sua vez, imagina o diálogo entre dois músicos, fazendo-os tocar juntos: um percussionista e uma violoncelista, cada um explorando uma sonoridade própria.

No mundo contemporâneo, porém, a tecnologia é incontornável, como lembra *Satellite*, de Benjamin Holmes. O compositor tenta imaginar o movimento dos satélites que estão em órbita do planeta, nos acompanhando – ou seria observando? Andy Akiho traz a tecnologia de volta à Terra. *Stop Speaking* é uma conversa entre um percussionista e um computador, Vicky, que está em busca de sua própria voz. Na música, o compositor sugere que essa voz será sempre superficial, enquanto a do ser humano é repleta de contrastes, nuances – e de vida.

Em tempos de advento da inteligência artificial, a questão ganha significado especial. E leva a uma reflexão sobre a própria palavra: qual a compreensão de uma máquina a respeito daquilo que diz? Afinal, para o ser humano, uma palavra não é apenas uma palavra: pode evocar memórias, sensações, e assumir significados que a extravasam.

Exemplo disso é o termo “perhaps”, “talvez” em português, que dá nome à peça de Reesa Esmail. Isso porque, como diz a compositora, “talvez” é um termo que significa abertura: quando o usamos, é para sugerir novas e múltiplas possibilidades a respeito de um tema, de uma ideia.

Hear Me, See Me, de Niamh O'Donnell, continua a investigação sobre o impacto da tecnologia no contato entre as pessoas. A peça foi inspirada no final da pandemia do coronavírus, quando pudemos, enfim, nos reencontrar pessoalmente.

Em *Três Andares*, Denise Garcia também fala sobre convivência. A obra nasce das “combinações inusitadas de timbres e ritmos dos instrumentos”. Ela não tenta resolver esse inusitado – a aproximação que sugere se dá por meio da diferença e da convivência.

O programa termina com *Time Is Money*, de Kirsten Strom. A expressão “tempo é dinheiro” tornou-se símbolo da necessidade de obter resultados com rapidez e eficiência, colocando a produtividade como valor a guiar nossas prioridades. O aforismo surgiu no início do século XVIII. Trezentos anos depois, somos capazes de lidar de maneira diferente com a vida?

João Luiz Sampaio

Recital de canto e piano

Vozes interrompidas

Sábado, 23 de novembro, às 20h

 **Casa da Música Sônia Cabral**
Praça João Clímaco, s/n – Centro, Vitória

Mezzo soprano: Ana Lucia Benedetti

Piano: Ricardo Ballestero

Missy Mazzoli
Heartbraker

Margareth Bonds
Three Dream Portraits

Esther Scliar
Novos cantares

Fernando Lopes Graça
Três Epitáfios: Ao autor

Dora Pejačević
Ich bin ein waise

Claudio Santoro
Canção da fuga impossível
Fragmento para um Réquiem

Francis Poulenc
Trois chansons de
Federico Garcia Lorca

Dmitry Shostakovich
Seis Poemas de Marina
Tsvetayeva

Sobre o espetáculo

Heróis e heroínas da literatura, da poesia, do teatro e da ópera cantam há séculos sobre a dificuldade de conciliar desejos pessoais com as exigências da sociedade. E não por acaso: a oposição entre o individual e o coletivo é uma das marcas da existência humana. Atravessando o tempo, chegam à nossa época, na qual abusos de poder, o avanço do extremismo, do ódio e da intolerância, reabrem antigas chagas e mostram que outras jamais foram de fato fechadas, colocando o indivíduo mais uma vez à mercê de um contexto de opressão.

Em *Heartbraker*, a compositora Missy Mazzoli cria uma partitura que faz alusão a buscas individuais ao propor ao intérprete um desafio: encontrar e dar vazão a uma voz própria em meio a uma escrita musical que coloca a ele determinações que parecem rígidas e incontornáveis.

Não é um caminho fácil. A canção de Dora Pejačević, ao narrar a história de um órfão, nos lembra disso de forma simbólica, abordando o sentimento de estranhamento perante o mundo, a dificuldade em encontrar, à nossa volta, algo que nos ajude a entender quem somos e de onde viemos e que valorize e respeite esse caminho em toda a sua riqueza.

Em muitos momentos da história, para diferentes grupos de pessoas, isso foi uma ilusão, como nos lembra Margareth Bond em *Three Dream Portraits*. As canções nos falam não apenas de estranhamento, mas de não pertencimento em uma sociedade que se recusa a aceitar a diferença, neste caso ligado à origem racial, como parte central de sua constituição.

Mas, em meio a um contexto desigual e opressivo, não podemos recusar aquilo que nos torna diferentes, como sugere em suas canções o compositor Claudio Santoro, que foi alvo de perseguições políticas durante a ditadura

militar no Brasil. Sua música nos fala da impossibilidade de abandonar aquilo que somos. Mesmo que isso leve à sensação de se estar à margem, com a presença constante sobre nós de uma sensação de ameaça e morte metafórica – como no epitáfio que Fernando Lopes Graça escreveu para si mesmo.

Foi algo que marcou a vida do poeta espanhol Federico Garcia Lorca. Homossexual em um meio autoritário e preconceituoso, ele também lutou, com sua obra e atuação artística, contra o fascismo, do qual acabaria se tornando vítima. Seus textos inspiraram diferentes compositores, como Francis Poulenc e a brasileira Esther Scliar, seja pela melancolia no retrato do mundo, seja pela crença de que é possível “um cantar luminoso e repousado”.

Como no caso de Lorca, a arte segue como uma forma potente de resistência. Dmitri Shostakovich sentiu isso durante toda a sua existência, tentando fazer valer sua liberdade artística e pessoal sob o autoritarismo e a violência do regime soviético.

Seis Poemas de Marina Tsvetayeva é símbolo disso. O ciclo foi composto a partir de poemas de Tsvetayeva, que foi presa após a Revolução Russa e, décadas depois, assassinada pela polícia soviética. São textos que falam de política, de perseguição, às vezes de forma direta, às vezes de forma velada, e o último deles é dedicado à poeta Anna Akhmatova, sua grande amiga, que durante quase três décadas foi proibida de publicar sua obra. O ciclo se encerra, assim, com a voz de três artistas perseguidos, mas que nunca abandonaram a crença no valor da criação como forma de se relacionar com o mundo – e transformá-lo.

João Luiz Sampaio

Poemas

Ich bin ein Waise

Poema de Rainer Maria Rilke

Tradução de Irineu Franco Perpetuo

Ich bin ein Waise

Ich bin ein Waise.

*Nie hat jemand um meinetwillen
die Geschichten berichtet, die
die Kinder bestärken und stillen.*

Wo kommt mir das plötzlich her?

Wer hat es mir zugetragen?

*Für ihn weiß ich alles Sagen
und was man erzählt am Meer.*

Eu sou uma órfã

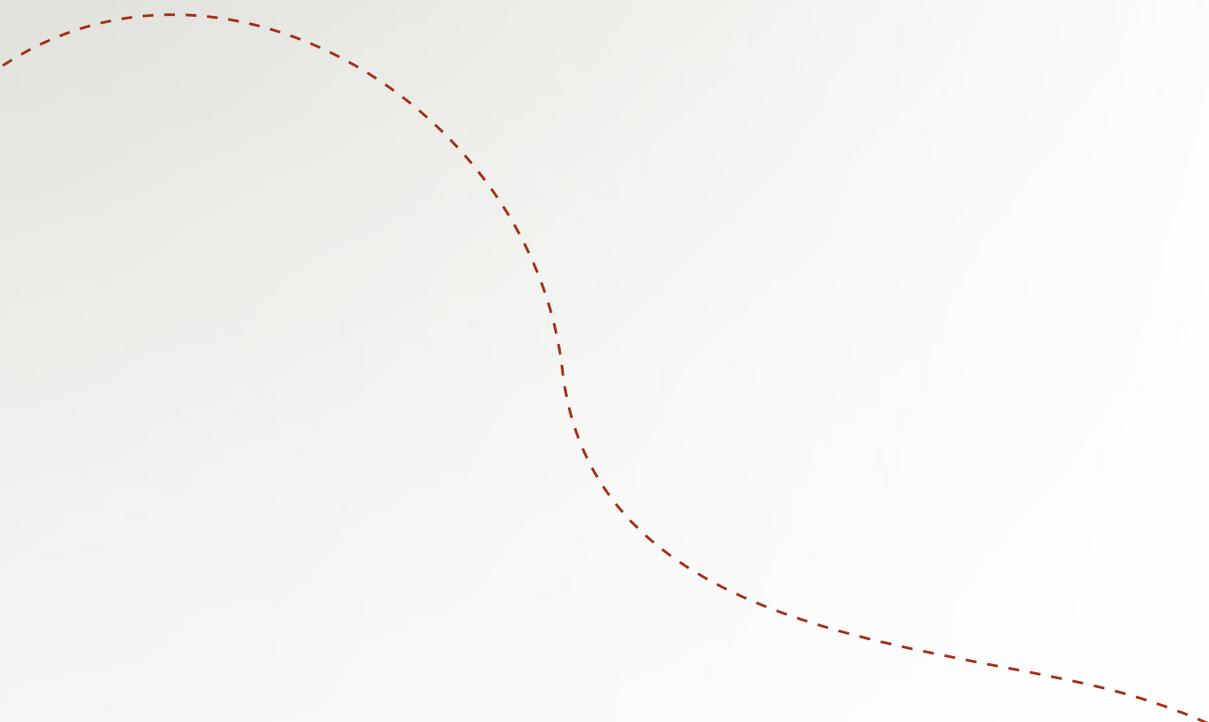
Eu sou uma órfã.

Nunca ninguém me contou
as histórias que fortalecem e acalmam
as crianças.

De onde vem isso de repente?

Quem me contou?

Por ele conheço todas as lendas
E o que se conta a respeito do mar.



Three Dream Portraits

Poemas de Langston Hughes

Tradução de Irineu Franco Perpetuo

1. Minstrel man

*Because my mouth
Is wide with laughter
And my throat
Is deep with song,
You do not think
I suffer after
I have held my pain
So long.*

*Because my mouth
Is wide with laughter,
You do not hear my inner cry?*

*Because my feet
Are gay with dancing
You do not know
I die?*

1. O menestrel

Porque minha boca
É larga com o riso
E minha garganta
É profunda com o canto,
Você não acha
Que eu sofro depois
De ter segurado minha dor
Por tanto tempo.
Porque minha boca
É larga com o riso,
Você não ouve meu choro interno?
Porque meus pés
Estão alegres com a dança
Você não sabe
Que eu morro?

2. *Dream variation*

*To fling my arms wide
In some place in the sun,
To whirl and dance
Till the bright day is done.
Then rest at cool evening
Beneath a tall tree
While night comes gently
Dark like me.
That is my dream.
To fling my arms wide
In the face of the sun.
Dance! Whirl! Whirl!
Till the quick day is done.
Rest at pale evening,
A tall, slim tree,
Night coming tenderly
Black like me.*

2. **Variação sonho**

Abrir largamente meus braços
Em algum lugar do sol,
Girar e dançar
Até o dia claro acabar.
Então descansar na tarde fresca
Debaixo de uma árvore alta
Enquanto a noite chega gentilmente
Escura como eu.
Esse é meu sonho.
Abrir largamente meus braços
Na cara do sol.
Dançar! Girar! Girar!
Até o dia rápido acabar.
Descansar na tarde pálida,
Uma árvore alta, esbelta,
A noite chegando ternamente
Negra como eu.

3. I, too

*I, too sing America.
I am the darker brother.
They send me to eat in the kitchen
When company comes.
But I laugh,
And eat well,
And grow strong.*

*Tomorrow,
I'll [be] at the table
When company comes.
Nobody'll dare
Say to me,
"Eat in the kitchen,"
Then.
Besides,
They'll see how beautiful I am
And be ashamed. --*

*[I, too, am America.]
Três retratos de sonho*

3. Eu também

Eu também canto a América.
Sou o irmão mais escuro.
Eles me mandam comer na cozinha
Quando chega visita.
Mas eu rio,
E como bem,
E fico forte.

Amanhã,
Estarei na mesa
Quando chegar visita.
Ninguém ousará
Me dizer,
"Coma na cozinha"
Então.
Além disso,
Eles verão como sou belo
E ficarão com vergonha.



Canção da fuga impossível

Poemas de Ary de Andrade

Larguei minhas velas nas ondas do mar
Queria esconder-me na praia do mar
Talvez só minh'alma levasse comigo
Um resto de sonho e nenhum amigo
O ecos do mundo pensava esquecer
Na esteira de espuma do barco a correr
Como é que sonhei a fuga da vida
Se a calma na terra deixei repartida
A voz do meu povo comigo ?
A dor do meu povo comigo levada
Fugir para quê?
Fugir para onde?
Se ao vento nas velas o eco responde
Fugir para onde?
Fugir para quê?

Fragmento para um Réquiem

Poemas de Costa e Silva

De onde vem este rumor de águas noturnas?
Vem da sombra das estátuas, feitas de silêncio e músculos,
Ou vem da infância, ou vem da morte
Que se vestiu de manso olhar este rumor?
Ou vem da brisa?
Não desta brisa de nossos dias sem amparo.
Mas da brisa maior.
Como não vir desta brisa tão próxima a nós, que banha os mortos, e se afasta de nós um quase sonho nas veias?
É a voz das estátuas, de suave música, pura
como as mãos que se entregam à quietude
e sob as quais se abriga a morte -
Nossa guardiã e prisioneira...

Novos cantares

Poema de Federico Garcia Lorca

Diz a tarde: "Tenho sede de sombra!"

Diz a lua: "Tenho sede de luzes."

Querem os lábios a fonte cristalina
o suspiro quer ventos.

Tenho sede de aromas e risos,
Novos cantares sem luas e sem lírios,
Ah, e sem amores mortos.

Um cantar de alvorada vislumbra o futuro
inundando esperanças, nos lodos, nas ondas
Cantar luminoso e repousado
Pleno de pensamentos
Ausente de tristeza e angústia
Ausente de sonhos.

Cantar que chegue à alma das cousas
E que descanse ao fim de alegria

Ah... o infinito coração!



Trois chansons

Poemas de Federico Garcia Lorca

Tradução de Irineu Franco Perpetuo

1. *L'enfant muet*

*L'enfant cherche sa voix
c'est le roi des grillons qui l'a.
dans une goutte d'eau
l'enfant cherchait sa voix.
Je ne la veux pas pour parler
j'en ferai une bague
Que mon silence portera
à son plus petit doigt.
Dans une goutte d'eau
l'enfant cherchait sa voix.
La voix captive, loin de la
met un costume de grillon.*

1. O menino mudo

O menino procura sua voz
O rei dos grilos está com ela.
Em uma gota d'água
O menino procurava sua voz.
Não a quero para falar
Farei com ela um anel
Que meu silêncio usará
Em seu dedo mindinho.
Em uma gota d'água
O menino procurava sua voz.
A voz cativa, longe de lá
Veste um traje de grilo.

2. *Adelina a la promenade*

*La mer n'a pas d'oranges et Séville n'a pas
d'amour,
Brune, quelle lumière brûlante!
Prête-moi ton parasol.
Il rendra vert mon visage
– Jus de citron et de limon –
Et tes mots – petits poissons –
Nageront tout à l'entour.
La mer n'a pas d'oranges
Ay amour
Et Séville n'a pas d'amour*

2. Adelina no passeio

O mar não tem laranjas e Sevilha não
tem amor,
Morena, que luz ardente!
Empreste-me seu guarda-sol.
Ele deixará verde meu rosto
– Suco de lima e de limão –
E suas palavras – pequenos peixes –
Nadarão ao redor.
O mar não tem laranjas
Ai, amor
E Sevilha não tem amor

3. Chanson de l'oranger sec

Bucheron
Abat mon ombre
Délivre-moi du supplice
De me voir sans oranges.
Pourquoi suis-je né entre des miroirs?
Le jour me fait tourner
Et la nuit me copie dans toutes ses
étoiles.
Je veux vivre sans me voir
Les fourmis et les liserons,
Je rêverai que ce sont mes feuilles et
mes oiseaux.
Bûcheron
Abat mon ombre
Délivre-moi du supplice
De me voir sans oranges.

3. Canção da laranjeira seca

Lenhador
Abata minha sombra
Livre-me do suplício
De me ver sem laranjas.
Por que nasci entre espelhos?
O dia me faz rodar
E a noite me copia em todas suas
estrelas.
Quero viver sem me ver
As formigas e as trepadeiras,
Eu sonharei que são minhas folhas e
meus pássaros.
Lenhador
Abata minha sombra
Livre-me do suplício
De me ver sem laranjas.

Seis Poemas

Poemas de Marina Tsvetáieva

Tradução de Irineu Franco Perpetuo

1. Моим стихам

*Моим стихам, написанным так
рано,*

Что и не знала я, что я -- поэт,

*Сорвавшимся, как брызги из
фонтана,*

Как искры из ракет,

Ворвавшимся, как маленькие черти,

В святилище, где сон и фимиам,

Моим стихам о юности и смерти,

- Нечитанным стихам! --

Разбросанным в пыли по магазинам

(Где их никто не брал и не берёт!)

*Моим стихам, как драгоценным
винам,*

Настанет свой черёд!

1. Para os meus versos

Para meus versos, escritos
tão cedo

Que eu nem sabia que era poeta,

Que prorromperam como um jorro de
uma fonte,

Como faíscas de um foguete,

Que irromperam como pequenos diabos

Em um santuário de sono e incenso,

Para meus versos sobre juventude e morte,

- Versos não lidos! -

Espalhados no pó das lojas,

(Onde ninguém os pegou nem pegará!)

Para meus versos, como para vinhos
preciosos

Chegará a sua vez!

2. Откуда такая нежность?

Откуда такая нежность?

Не первые -- эти кудри

Разглаживаю, и губы

Знавала темней твоих.

Всходили и гасли звёзды

-- *Откуда такая нежность? --*

Всходили и гасли очи

У самых моих очей.

Ещё не такие песни

Я слушала ночью темной

-- *Откуда такая нежность? --*

На самой груди певца.

Откуда такая нежность,

И что с нею делать, отрок

Лукавый, певец захожий,

С ресницами -- нет длинней?

2. De onde vem tanta ternura?

De onde vem tanta ternura?

Esses cachos não são os primeiros

Que alisei, e conheci

Lábios mais escuros que os seus.

Estrelas ergueram-se e se extinguiram,

De onde vem tanta ternura?

Olhos ergueram-se e se extinguiram

À minha vista.

Canções ainda melhores

Ouvi na noite escura

- De onde vem tanta ternura? -

No peito do próprio cantor.

De onde vem tanta ternura,

E o que farei com ela, adolescente,

Malandro, cantor errante,

Com pestanas que não há maiores?

3. Диалог Гамлета с совестью

-- На дне она, где ил

И водоросли ... спать в них

Ушла, -- но сна и там нет!

-- Но я её любил,

Как сорок тысяч братьев

Любит не могут!

-- Гамлет!

На дне она, где ил:

Ил! . . . И последний венчик

Всплыл на приречных бревнах . . .

-- Но я её любил,

Как сорок тысяч ...

-- Меньше

Всё ж, чем один любовник.

На дне она, где ил.

-- Но я её --

Любил?

3. Diálogo de Hamlet com a consciência

Ela está no fundo, onde há lodo

E algas... nelas foi

Dormir. - Mas lá não há sonho!

- Mas eu a amava

como quarenta mil irmãos

Não podem amar!

- Hamlet!

Ela está no fundo, onde há lodo:

Lodo!... E a última corola

Surgiu nos troncos do rio...

- Mas eu a amava

Como quarenta mil...

- Menos!

Menos do que um amante.

Ela está no fundo, onde há lodo.

Mas eu a...

- Amava?

4. Поэт и Царь

*Потусторонним
Залом цареи.
-- Кто непреклонный
Мраморный сей?*

*Столь величавый
В золоте барм?
-- Пушкинской славы
Жалкий жандарм.*

*Автора -- хаял,
Рукопись -- стриг.
Польского края --
Зверский мясник.*

*Зорче взглядися!
Не забывай:
Певтсоубийтсся
Царь Николай
Первый!*

4. O poeta e o tsar

Pela galeria
dos finados tsares.
- Quem é este
Inabalável, de mármore?

Tão majestoso
Em seu colar de ouro?
- O gendarme mesquinho
Da glória de Púchkin.

O autor difamou,
O manuscrito podou,
Carniceiro feroz
Da terra polonesa.

Fiquem de olho!
Não se esqueçam:
O assassino do poeta
É o tsar Nicolau
Primeiro!

5. Нет, бил барабан перед смутным полком

Нет, бил барабан перед смутным полком

Когда мы вождя хоронили:

То зубы царёвы над мёртвым певцом

Почётную дробь выводили.

*Такой уж почёт, что ближайшим
друзьям —*

*Нет места. В изглавы, в изножьи,
И справа, и слева — ручищи по швам —*

Жандармские груди и рожи.

Не диво ли — и на тишайшем из лож

*Пребыть поднадзорным мальчишкой?
На что-то, на что-то, на что-то похож
Почёт сей, почётно — да слишком!*

Гляди, мол, страна, как, молве вопреки,

*Монарх о поэте печётся!
Почётно — почётно — почётно — архи-
почётно, — почётно — до чёрту!*

*Кого ж это так — точно воры вора
Пристреленного — выносили?
Изменника? Нет. С проходного двора —
Умнейшего мужа России.*

5. Não era o tambor que rufava

Não era o tambor que rufava diante do regimento perturbado,

Quando enterramos o líder:

Eram os dentes do tsar, diante do poeta morto,

Batendo o rufar de honra.

Tamanho honra que para os amigos mais íntimos

Não há lugar. À cabeceira, aos pés,
À direita, à esquerda, com os braços em sentido

Estavam peitos e fuças dos gendarmes.

Não é um espanto que no mais silencioso leito

O menino seja agora vigiado?
Algo, algo, algo nessa honra
Parece honrado – até demais!

Veja, então, país, como, apesar dos boatos

O monarca sente pelo poeta!
Honra – honra – honra – aqui-
Honra – hora – para o diabo!

Quem foi que eles carregaram baleado,
Como ladrões a um ladrão?
Um traidor. Não. Pela porta dos fundos,
O homem mais inteligente da Rússia.

6. Анне Ахматовой

*О Муза плача, прекраснейшая
из муз!*

О ты, шальное исчадие ночи белой!

*Ты чёрную насылаешь метель
на Русь,*

*И вопли твои вонзаются в нас, как
стрелы.*

*И мы шарахаемся, и глухое:
ох!*

*Стотысячное -- тебе присягает. Анна
Ахматова! Это имя -- огромный вздох,*

*И в глубь он падает, которая
безымянна.*

Мы коронованы тем, что одну с тобой

*Мы землю топчем, что небо над нами-
то же!*

*И тот, кто ранен смертельной твоей
судьбой,*

*Уже бессмертным на смертное сходит
ложе.*

*В певучем граде моём купола
горят,*

*и Спаса светлого славит слепец
бродячий . . .*

*И я дарю свой колокольный
град,*

- Ахматова! - И сердце свое в придачу.

6. Para Anna Akhmátova

Oh Musa do pranto, a mais maravilhosa
das musas!

Oh você, filha insana da noite branca!

Você envia para a Rússia a nevasca
negra

E seus brados nos perpassam como
flechas.

E saltamos de lado, e com um surdo
"oh"!

Cem mil juram a você. Anna
Akhnátova! Esse nome é um imenso
suspiro,

E cai em profundezas sem nome.

Somos coroados por pisarmos com
você

A mesma terra, pelo céu sobre nós ser
o mesmo!

E aquele que é ferido por seu destino
fatal

Já desce imortal para o leito de morte.

Em minha cidade cantante as cúpulas
ardem,

E o cego errante louva a luz do
Salvador...

E presenteio-a com minha cidade de
sinos,

Akhnátova! E ainda com meu coração

Recital de violão

Montanhas que escalo

Sexta-feira, 29 de novembro, às 20h



Casa da Música Sônia Cabral

Praça João Clímaco, s/n – Centro, Vitória

Violão: Fabio Zanon

Heitor Villa-Lobos

Prelúdio nº 1

Prelúdio nº 2

Lina Pires de Campos

Ponteio e Tocatina

João Luiz

The Mountains I Climb

- Knowledge

- Fear

- Freedom

Eduardo Fabini

Triste nº 1

Ariel Ramirez

Balada para Martín Fierro (Aire Sueño)

Maria Luisa Anido

Aire Norteño

Eduardo Caba

Aire Índio nº 2

Rafael Miguel López

Así Yo te Soñe (Valse-Canción)

Gentil Montaña

Suíte Colombiana nº 2: Porro

Frantz Casséus

Dance of the Hounsies

Agustín Barrios Mangoré

Danza Paraguaya

Sobre o espetáculo

Como encontrar uma voz única e pessoal ao escrever peças musicais que incorporavam os ensinamentos e técnicas vindos da Europa? Não houve apenas uma resposta a essa questão – cada compositor deu a ela uma cor e um sentido diferentes. E, assim, a busca por definir uma identidade própria foi um dos grandes temas da música latino-americana ao longo do século XX.

Reflexões sobre a relação entre periferia e centro, sobre os mecanismos de dominação cultural e o respeito ao folclore e tradições regionais colocaram-se como fundamentais. E ainda hoje o são. Mas incorporando novos aspectos, como a abertura para diferentes narrativas que quebrem discursos hegemônicos em favor de uma maior diversidade de experiências e realidades.

Heitor Villa-Lobos pensou em uma música que nascesse de um olhar para o folclore brasileiro em diálogo com a cultura europeia. Dele, vamos ouvir os dois primeiros do ciclo de cinco Prelúdios para violão. O nº 1 bebe na fonte do sertanejo, enquanto o nº 2 evoca “modinhas”, canções típicas brasileiras do início do século XX, e o “lundu”, ritmo de dança africano. Dos anos 1970, Ponteio e Tocatina, de Lina Pires de Campos, mostra como, décadas após o início das reflexões sobre a música de caráter nacional, a ideia mantinha-se presente na cena artística brasileira.

O compositor e violonista João Luiz, radicado nos EUA, traz a questão da identidade ao século XXI com sua *The Mountains I Climb*. Estreada por Fabio Zanon, a peça percorre, de maneira

muito pessoal, a trajetória do próprio autor, um homem negro, brasileiro, em seu caminho por uma identidade própria na cena musical internacional.

No diálogo – ou oposição – entre o regional e o universal, a arte brasileira voltou seu olhar sempre à Europa, e pouco observou o que acontecia à sua volta, na América Latina, em países nos quais a arte também lidou com a questão de uma identidade própria e única. As demais peças deste programa procuram, portanto, abrir uma janela em direção a nossos vizinhos.

O uruguaio Eduardo Fabini evoca, em *Triste nº 1*, um ar nostálgico da paisagem campestre. Ariel Ramírez se inspira, em sua *Balada para Martín Fierro*, no poema de José Hernández sobre o habitante dos pampas, “independente, heroico e marcado por sacrifícios”. Conterrânea de Ramírez, Maria Luísa Anido também criou uma música que celebrasse a história de seu país.

O programa segue viagem, então, pela Bolívia, com a recuperação da cultura indígena proposta por Eduardo Caba em *Aire Índio nº 2*; pela Venezuela, com *Así Yo Te Soñe*, reinvenção da valsa; pela Colômbia, com trecho da *Suíte nº 2* de Gentil Montaña, Porro; pelo Haiti, com a *Dança dos Hounsies*, de Frantz Casséus, um olhar para a história e a religião africanas; e pelo Paraguai, onde Agustín Barrios Mangoré nos fala, com sua *Danza Paraguaya*, da tradição guarani.

João Luiz Sampaio

Concerto

Concerto de encerramento

Sábado, 30 de novembro, às 20h



Teatro SESC Glória

Av. Jerônimo Monteiro, 428 – Centro, Vitória

OSES - Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo e cantores vencedores do 3º Concurso Natércia Lopes

Solistas: Débora Neves - Soprano, Marcela Vidra - Mezzo-soprano e Giovanni Marquezeli - Tenor.

Participação especial: Natércia Lopes - soprano

Regência: Helder Trefzger

1º Bloco

Sound of Shell - Arranjo Lipe Portinho

Overture de *Faust* - E. Mayer

Orquestra Sinfônica do Espírito Santo

Faites-lui mes aveux de *Faust* - C. Gounod

Marcela Vidra

Giunto sul passo estremo de *Mefistofele* - A.

Boito

Giovanni Marquezeli

Perduta ho la pace - G. Verdi

Natércia Lopes

No word from Tom/ I go I go to him de *The Rake's Progress* - I. Stravinsky

Débora Neves

2º Bloco

Overture de *La Clemenza di Tito* - W. A. Mozart

Orquestra Sinfônica do Espírito Santo

Parto parto, ma tu ben mio de *La Clemenza di Tito* - W. A. Mozart

Marcela Vidra

Oh war' ich schon mit dir vereint' de *Fidelio* -

L. V. Beethoven

Débora Neves

Preludio II de *Don Carlo* - G. Verdi

Orquestra Sinfônica do Espírito Santo

E lucevan le stelle de *Tosca* - G. Puccini

Giovanni Marquezeli

Sobre o espetáculo

Presente na cultura germânica desde a Idade Média, o mito do pacto fáustico, ou seja, da venda da alma ao Diabo em busca de juventude, riqueza, poder, conhecimento etc. atravessou séculos e países em diversas releituras artísticas e não deixa de dialogar, em muitos aspectos com o momento atual, reverberando questões contemporâneas, como o controle da natureza através de novas tecnologias, a idealização de uma vida perfeita e a tirania de certos padrões de beleza.

A primeira parte deste concerto é dedicada a obras inspiradas na mais célebre dessas narrativas: o poema-peça Fausto, do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832).

Iniciamos com Faust Overture, da compositora alemã Emilie Mayer (1812-1883). Em seguida, temos a ária *Faites-lui mes aveux*, da ópera Faust, do francês Charles Gounod (1818-1893). Siebel, um adolescente apaixonado por Marguerite, pede às rosas vermelhas que tem nas mãos que lhe declarem seu amor. As flores murçam, conforme havia predito Mefistófeles. Vendo-as voltar ao seu esplendor ao molhar as mãos em água benta, o jovem ri do diabo.

Mefistofele é a única ópera completa do italiano Arrigo Boito (1842-1918), célebre libretista de Verdi. Em *Giunto sul passo estremo*, Fausto, pressentindo o fim de sua vida, conclui que não experienciou, nem antes nem depois do pacto, a tão almejada perfeição. Não perde, contudo, a esperança em sua redenção.

De Giuseppe Verdi temos a canção *Perduta ho la pace*. Composta originalmente para voz e piano em 1838, integra a série *Seste Romanze I* e utiliza um trecho do poema de Goethe em tradução italiana de Luigi Ballestri. Curiosamente, trata-se do mesmíssimo texto utilizado no famoso lied *Gretchen am Spinnrade* de Schubert, inclusive na mesma tonalidade de ré menor. Diferentemente, porém da agitação que permeia toda a canção de Schubert, com o acompanhamento que sugere o giro de uma roca, Verdi inicia em uma atmosfera de marcha fúnebre, apresentando a angústia de maneira gradual e com uma alternância de doçura e intensidade ao longo da evocação que Margarida faz do contato com Fausto.

Encerrando a primeira parte, ouviremos uma ária da ópera *The Rake's Progress*, de Igor Stravinsky (1882-1971), com libreto do famoso poeta anglo-americano W.H. Auden e de

Chester Kallman. Escrita quando o compositor já morava nos Estados Unidos, foi inspirada no Fausto de Goethe e em uma série de gravuras de William Hogarth (século XVIII). Conta a história da ascensão e queda de Tom Rakewell, em meio a desejos e tentações (poder, dinheiro, luxúria, inveja, etc.) O compositor nomeava o tema de sua obra como "o diabo do capitalismo". Pensando no contexto atual, podemos até mesmo estabelecer uma relação da frase popular "Mãos, corações e cabeças vazias são a oficina do Diabo", cantada no quinteto final, com os prejuízos do infinito scrollar das redes sociais. Em *No word for Tom*, Anne Trulove decide ir a Londres em busca de Tom, pois, apesar de ter sido abandonada pelo noivo, sente que ele precisa de sua ajuda.

A segunda parte do concerto é dedicada a óperas onde questões políticas se emaranham nos dramas íntimos das personagens, em distintos contextos (Império Romano, Espanha dos séculos XVI e XVIII e Roma do início do século XIX).

Ouviremos a abertura de *La Clemenza di Tito*, de Mozart, seguida da ária *Parto parto, ma tu ben mio*, em que Sesto se angustia diante da tarefa a ele dada por sua amada Vitelia: assassinar seu amigo Tito, imperador de Roma.

Fidelio, única ópera de Beethoven, tornou-se representativa da luta por liberdade e justiça que permeava diversos movimentos sociais na Europa. Em *Oh war' ich schon mit dir vereint'*, Marzelline expressa seu desejo de se casar com Fidelio, sem saber que este, na verdade, era Leonora disfarçada de homem para se infiltrar na prisão para onde foi levado seu esposo Florestan.

Em *Don Carlos*, de Verdi, cujo Prelúdio ouviremos, o príncipe de Astúrias está noivo de Elisabeth de Valois. Esta, porém, acaba se casando com o rei Filipe II, pai de Carlos. Faz-se presente no enredo a crítica ao autoritarismo e ao domínio da Igreja.

Por fim, a famosa ária *E lucevan le stelle*, da ópera *Tosca*, de Puccini, que se passa na Roma de 1800, agitada pela tensão entre a monarquia e as forças napoleônicas. O pintor Mario Cavaradossi, preso por ter escondido um amigo e por suas próprias convicções revolucionárias, aguarda sua execução. Nesse momento tão dolorosamente humano, afirma seu amor à vida.

Poemas

Faites-lui mes aveux

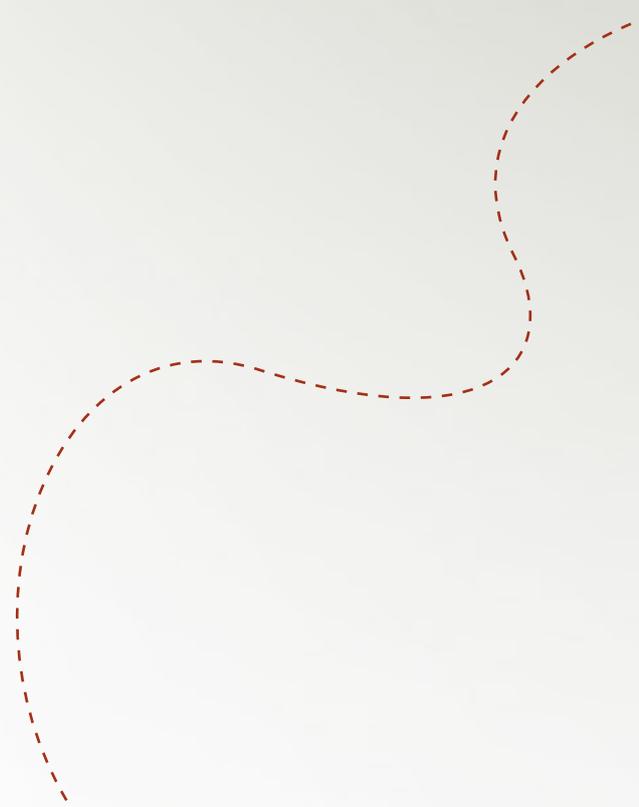
Libreto de Jules Barbier e Michel Carré

Faites-lui mes aveux,

*Faites-lui mes aveux,
Portez mes vœux !
Fleurs écloses près d'elle,
dites-lui qu'elle est belle,
Que mon cœur nuit et jour
Languit d'amour!
Faites-lui les aveux,
Portez mes vœux!
Révélez à son âme
Le secret de ma flamme,
Qu'il s'exhale avec vous
Parfums plus doux!*

Levem a ela a minha confissão

Levem a ela a minha confissão
E meus desejos
Flores abertas perto dela
Digam-lhe que ela é bela
E que meu coração noite e dia
Sofre de amor
Levem a ela a minha confissão
E meus desejos
Revelem à sua alma
o segredo da minha paixão
Para que ele exale com vocês
Perfumes mais doces



Giunto sul passo estremo

Libreto de Arrigo Boito

Tradução de Irineu Franco Perpetuo

Giunto sul passo estremo

*Della più estrema, età,
In un sogno supremo
Sì bea l'anima già,
In un sogno supremo, ecc.
Re d'un placido mondo,
D'una landa infinita,
A un popola fecondo
Voglio donar la vita.*

*Sotto una savia legge
Vo' che surgano a mille,
A mille e genti e gregge
E case e campi e ville.*

*Ah! Voglio che questo sogno
Sia la santa poesia
E l'ultima bisogna
Dell' esistenza mia*

Chegado ao ponto extremo

Da idade extrema
Em um sonho supremo
A alma já se alegra
Em um sonho supremo
Rei de um mundo plácido,
De uma terra infinita
A um povo fecundo
Eu daria a vida

Sob uma lei sábia
Quero que surja
para uma próspera nação e rebanhos
lares, campos e cidades

Ah, que esta visão seja
o meu último sonho
O último desejo
desta minha existência

Perduta ho la pace

Poema de Johann Wolfgang von Goethe

Tradução de Irineu Franco Perpetuo

Perduta ho la pace

*Perduta ho la pace,
ho in cor mille guai;
Ah, no, più non spero
trovarla più mai.*

*M'è buio di tomba
ov'egli non è;
Senz'esso un deserto
è il mondo per me.*

*Mio povero capo
confuso travolto;
Oh misera, il senno,
il senno m'è tolto!*

*Perduta ho la pace,
ho in cor mille guai;
Ah, no, più non spero
trovarla più mai.*

*S'io sto al finestrello,
ho gl'occhi a lui solo;
S'io sfuggo di casa,
sol dietro a lui volo.*

*Oh, il bel portamento;
oh, il vago suo viso!
Qual forza è nei sguardi,
che dolce sorriso!*

*E son le parole
un magico rio;
Qual stringer di mano,
qual bacio, mio Dio!*

*Perduta ho la pace,
ho in cor mille guai;
Ah, no, più non spero
trovarla più mai.*

*Anela congiungersi
al suo il mio petto;
Potessi abbracciarlo,
tenerlo a me stretto!*

*Baciarlo potessi,
far pago il desir!
Baciarlo! e potessi
baciata morir.*

Perdi a paz

Perdi a paz,
tenho mil tormentos no coração;
Ah, não tenho mais esperança
De encontrá-la.

Para mim há um escuro de sepultura
Onde ele não está;
Sem ele um deserto
é o mundo para mim.

Minha povera cabeça
está confusa, transtornada;
Coitada de mim, o senso,
perdi o senso!

Perdi a paz,
tenho mil tormentos no coração;
Ah, não tenho mais esperança
De encontrá-la.

Quando estou à janela,
só tenho olhos para ele;
Quando saio de casa
é só para voar até ele.

Oh, que belo porte;
oh, seu rosto formoso!
Que força no olhar,
que doce sorriso!

Suas palavras são
um mágico rio;
Que aperto de mão,
que beijo, meu Deus!

Perdi a paz,
tenho mil tormentos no coração;
Ah, não tenho mais esperança
De encontrá-la.

Meu peito anseia
por juntar-se ao seu;
Queria abraçá-lo,
Apertá-lo junto a mim!

Queria beijá-lo,
recompensar o desejo!
Beijá-lo! E queria
beijada morrer.

No word from Tom

Libreto de W.H Auden e Chester Kallman

No word from Tom

*No word from Tom.
Has love no voice?*

Can love not keep a May-time vow in cities?

Fades it as the rose cut for a rich display?

Forgot!

But no! To weep is not enough.

He needs my help.

Love hears, love knows,

*Love answers him
across the silent miles and goes.*

Quietly, night, oh! find him and caress.

*And may thou quiet find his heart,
although it be unkind. nor may its beat
confess,*

although I weep, it knows of loneliness.

Guide me, oh! moon, chastely

when I depart.

And warmly be the same

he watches without grief or shame.

It can not be thou art a colder moon

upon a colder heart.

I go to him

I go to him.

Love can not falter, can not desert.

Though it be shunned, or be forgotten,

though it be hurt., if love be love,

it will not alter.

Should I see my love in need,

it shall not matter what he may be.

Nem uma notícia do Tom

Nem uma notícia do Tom...
O amor não tem voz?

Na cidade, o amor não consegue manter suas promessas?

Desaparece como uma rosa cortada

Esquecida...

Mas não, chorar não é o suficiente

Ele precisa da minha ajuda

O amor escuta, o amor sabe

O amor responde a ele através das distâncias silenciosas e vai...

Silenciosamente, noite, encontra-o e acaricia-o

e que possas encontrar seu coração em paz

mesmo que seja ingrato. Mesmo que as batidas confessem,

mesmo que eu chore, mesmo que conheça a solidão.

Guia-me, ó lua!

Castamente quando eu partir.

E calorosamente sê a mesma que

ele olha sem sofrimento ou vergonha.

Não pode, não pode ser que tu sejas uma lua fria

Uma lua fria sobre um coração frio

Eu vou, eu vou até ele

Eu vou, eu vou até ele

O amor não pode vacilar, não pode renunciar.

Mesmo que tenha sido desdenhado e esquecido, mesmo que ferido

se o amor é amor, ele não se altera, ele não se altera.

Ah, caso eu veja o meu amor em dificuldade, não importa, não importa

O tempo não pode mudar, não pode mudar um coração apaixonado

Parto, ma tu ben mio

Libreto de Catterino Mazzolà

Parto, ma tu ben mio

*Parto, ma tu ben mio,
Meco ritorna in pace;
Saro qual piu ti piace;
Quel che vorrai fato.
Guardami, e tutto oblio,
E a vendicarti io volo;
A questo sguardo dolo
Da me si pensera.
Ah qual poter, oh Dei!
Donaste alla belta*

Parto, mas tu, meu bem

Parto, mas tu, meu bem
Torna a ficar em paz comigo
Serei o que tu mais gostarias que eu fosse
Aquilo desejar, faça
Olhe para mim, e eu esqueço tudo
E vôo para vingar-te
Pensarei somente neste
olhar sobre mim
Ah, que poder, Oh Deus, deste para a
beleza

O wär ich schon mit dir vereint

Libreto de Joseph Sonnleithner e Georg Friedrich Treitschke

O wär ich schon mit dir vereint

*O wär ich schon mit dir vereint
Und dürfte Mann dich nennen!
Ein Mädchen darf ja, was es meint,
Zur Hälfte nur bekennen.
Doch wenn ich nicht erröten muss
Ob einem warmen Herzenskuss,
Wenn nichts uns stört auf Erden -
Die Hoffnung schon erfüllt die Brust
Mit unaussprechlich süsser Lust,
Wie glücklich will ich werden!*

*In Ruhe stiller Häuslichkeit
Erwach ich jeden Morgen,
Wir grüssen uns mit Zärtlichkeit,
Der Fleiss verscheucht die Sorgen.
Und ist die Arbeit abgetan,
Dann schleicht die holde Nacht heran,
Dann ruhn wir von Beschwerden.
Die Hoffnung schon erfüllt die Brust
Mit unaussprechlich süsser Lust,
Wie glücklich will ich werden!*

Oh, se eu já estivesse unida a você

Oh, se eu já estivesse unida a você
E pudesse chamá-lo de marido!
Uma donzela só pode confessar
metade do que acha,
Mas quando eu não tiver que corar
Ao receber um beijo quente e do coração,
Quando nada mais na Terra nos atrapalhar
- A esperança já me enche o peito,
Com um desejo indizivelmente doce -
Como serei feliz então!

No calmo sossego do lar
Acordarei a cada manhã,
Vamos nos saudar com carinho,
O zelo dissipará as preocupações
E quando o trabalho estiver feito,
A suave noite se achegará,
Descansaremos da labuta.
A esperança já me enche o peito,
Com um desejo indizivelmente doce
Como serei feliz então!

E lucevan le stelle

Libreto de Luigi Illica e Giuseppe Giacosa.

E lucevan le stelle

*E lucevan le stelle...
ed olezzava la terra...
stridea l'uscio dell'orto...
e un passo sfiorava la rena...
Entrava ella, fragrante,
mi cadea fra le braccia...
Oh! dolci baci, o languide carezze,
mentr'io fremente
le belle forme disciogliea dai veli!
Svanì per sempre il sogno mio d'amore...
L'ora è fuggita...
E muoio disperato!
E non ho amato mai tanto la vita!...*

E reluziam as estrelas

E reluziam as estrelas
E o solo exalava um aroma
Rangia o portão do jardim
E um passo leve sobre a areia
Ela entrou com seu perfume
E me caiu nos braços
Oh, doces beijos! Oh, suaves carícias!
Enquanto eu, trêmulo as belas formas
livrava dos véus
Esvaneceu-se para sempre, o meu sonho
de amor
A hora passou e morro em desespero!
E eu nunca amei tanto a vida



*Iniciativas Sociais
e Inovadoras.*

Concertos Itinerantes

A série Concertos Itinerantes é parte de um conjunto de iniciativas voltadas a comunidades e setores da sociedade que, geralmente, não têm acesso às salas de espetáculos e demais espaços culturais. Serão apresentados quatro concertos em espaços públicos.

Dentre os locais estão a Praça Principal, em Vila Velha; o Clube de Natação e Regatas Álvares Cabral, em Vitória; o Instituto Federal do Espírito Santo, na Serra e o EMEF Oliveira Castro, em Cariacica.

23/11 às 09h

Praça Principal

Argolas, Vila Velha - ES

27/11 às 16h

Clube da Natação e Regatas Álvares Cabral

Av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 2100
Bento Ferreira, Vitória - ES

28/11 às 19h

EMEF Oliveira Castro

Cariacica - ES

29/11 às 09h

Instituto Federal do Espírito Santo

Av. dos Sabiás, 330
Morada de Laranjeiras, Serra - ES

Quarteto Zuri: Jacqueline Lima, Emily Cristina, Dayse Sales e Jéssica Vianna

Arranjos: Bruno Santos e Walisson Cruz

Chiquinha Gonzaga
Corta Jaca

Alice Coutinho / Romulo Fróes
Mulher do Fim - Elza Soares

Gilberto Gil
Drão

Márcio Borges / Lô Borges / Milton Nascimento
Clube da esquina

Fernando Brant / Milton Nascimento
Maria Maria

João de Barro / Pixinguinha
Carinhoso

Jorge Benjor
Mas que Nada

Heitor Villa-Lobos
Trenzinho do Caipira

Os Concertos Itinerantes reforçam a importância da cultura como ferramenta de inclusão e transformação social. Dentro da atuação social da Shell, os concertos complementam outras iniciativas de inclusão, como os projetos Ídolo Social, Atividades Físicas Adaptadas e Inclusão (AFAI) e Projeto Esporte Paralímpico e Inclusão (EPI).



Ópera nos Bairros

Nesta 12ª edição do Festival de Música Erudita do Espírito Santo, o Ópera nos Bairros apresentará Rossini por um fio, da companhia Pequeno Teatro do Mundo, um espetáculo em que as marionetes passeiam pela música e pela biografia do compositor de óperas Gioachino Rossini.

Rossini por um fio conta a história do famoso compositor italiano, enquanto as marionetes se divertem com suas músicas, como nos desenhos animados. Assim, apresenta ao público os bastidores das montagens de óperas ao explorar passagens da vida deste compositor, que criou mais de trinta obras do gênero. Com uma estrutura que propõe a proximidade dos atores e das marionetes com o público, neste espetáculo os artistas realizam atividades de escuta musical e composição com as crianças.

Artistas: Fábio Retti e Fabiana Vasconcelos Barbosa

Classificação indicativa: Livre

16/11 às 15h

Quilombo Graúna

Itapemirim - ES

18/11 às 18h

Ginásio de Esportes do IBC

R. Ruth Almeida Viêira, 209-181 - IBC

Cachoeiro de Itapemirim - ES

21/11 às 18h

EMEF Prefeito Roberto Calmon

R. Maranhão, 1 - Aviso

Linhares - ES

22/11 às 18h

CMEB Profª Maria Luíza Devens

R. Rio Santa Maria, 1300-150 Fatima

Aracruz - ES

O projeto Ópera nos Bairros faz parte do compromisso do Festival de levar arte e cultura a todos, em sintonia com os projetos Quipea e Ídolo Social, apoiados pela Shell.



Projetos Socioeducativos

5º Vitória Ópera Estúdio

O Vitória Ópera Estúdio (VOE) é um programa de formação e aperfeiçoamento para estudantes e profissionais da área de ópera, criado por Livia Sabag e Tarcísio Santório em 2014. Pioneiro no Brasil, foi um dos primeiros programas nacionais intensivos de formação e especialização voltados para artistas do campo da ópera.

Suas edições anteriores contaram com a participação de grandes nomes do Brasil e do exterior, como os preparadores vocais e professores de dicção Jocelyn Duek e Fabio Bezuti, os encenadores Marc Verzatt e Livia Sabag, o maestro Gabriel Rhein-Schirato, o cenógrafo Nicolás Boni, o jornalista João Luiz Sampaio e os cantores Maria Russo e Fernando Portari.

A sua 5ª edição aconteceu entre os dias 25/06 e 11/7 e teve a ópera La Scala di Seta, de Gioachino Rossini, como objeto de estudo. Foram oferecidos quatro módulos: interpretação musical e cênica, regência, direção cênica e correpetição. As aulas foram ministradas pelo diretor cênico italiano Marco Gandini, pelo maestro Gabriel Rhein-Schirato e pelo pianista e preparador vocal Fabio Bezuti.



3º Concurso de Canto Natércia Lopes

Entre os dias 5 e 8/09 aconteceu, em Vitória, a terceira edição do Concurso de Canto Natércia Lopes. Com direção geral de Tarcísio Santório e coordenação de Gabriel Rhein-Schirato, o concurso homenageia a cantora lírica Natércia Lopes e tem como principal objetivo fomentar o canto lírico no Brasil.

Assim como em suas primeiras edições, o 3º Concurso de Canto Natércia Lopes não estabeleceu um limite máximo de idade e foi estruturado em três fases: eliminatória (remota), semifinal e final (presenciais). A banca julgadora foi formada por profissionais de referência do meio operístico: Livia Sabag, Edna D'Oliveira, Jena Vieira, Helder Trefzger e Ricardo Appezzatto.

A premiação foi dividida em três categorias, por faixa etária. Cada categoria entregou três prêmios: primeiro, segundo e terceiro lugares, sendo que cada um destes premiados recebeu um valor em dinheiro. Aqueles classificados em primeiro lugar de cada categoria também se apresentarão no Concerto de Encerramento do Festival de Música Erudita do Espírito Santo, que será realizado no Teatro SESC Glória, na cidade de Vitória (ES), no dia 30/11, com participação da Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo (OSES), com todas as despesas pagas.



4º Opera-cional

O Opera-cional é um projeto de capacitação profissional para pessoas interessadas em atuar nas funções técnicas de espetáculos operísticos. A iniciativa faz parte de uma série de ações promovidas pelo Festival de Música Erudita do Espírito Santo voltadas ao fomento e formação no campo da música de concerto e da ópera.

Suas edições anteriores contaram com a participação do iluminador Fabio Retti, da figurinista Luza Carvalho e da diretora de palco Helen Ferla.

Em 2024, o Opera-cional receberá o cenotécnico Alicio Silva para ministrar um curso intensivo em cenotecnia (prático e teórico), que acontecerá durante a preparação do espetáculo de abertura da 12ª edição do Festival.

Núcleo de Criação de Ópera

O Núcleo de Criação de Ópera é uma iniciativa do Festival de Música Erudita do Espírito Santo que promove a criação de novas óperas brasileiras a partir de processos de trabalho colaborativos que envolvem artistas da casa e artistas convidados em cada edição.

Coordenado por Livia Sabag, encenadora e diretora artística do Festival, e por Gabriel Rhein-Schirato, maestro e consultor musical do Festival, o Núcleo nasceu da ideia de criar um espaço permanente onde artistas de diferentes áreas pudessem, através de encontros regulares, realizar um processo no qual texto, música e encenação fossem construídos em diálogo.

As primeiras experiências do Núcleo aconteceram na edição comemorativa dos dez anos do Festival, em 2022, com a encomenda da ópera A Procura da Flor, composta por André Mehmar com libreto de Geraldo Carneiro, e do ciclo de canções O Tempo e o Mar, com poemas de Carneiro e música de Marcus Siqueira.



O Núcleo seguiu, a partir daí, a sua parceria com Siqueira, que em 2023 compôs Contos de Julia, com libreto de Veronica Stigger, inspirado em contos da escritora Júlia Lopes de Almeida, e com a colaboração da soprano Eliane Coelho e do jornalista João Luiz Sampaio, curador convidado da 11ª edição.

Nesta 12ª edição, o Núcleo deu mais um passo em seus processos de trabalho, com a criação de Clitemnestra, ópera livremente inspirada na Oresteia de Ésquilo, com música de Siqueira, libreto de Livia Sabag e João Luiz Sampaio, e colaboração do maestro Gabriel Rhein-Schirato.

Dentre os principais objetivos do Núcleo, destacamos o fomento a novas óperas brasileiras, a experimentação de novas linguagens artísticas em diálogo com o repertório histórico e a abordagem de temáticas que refletem a pluralidade da sociedade dos nossos tempos, além das práticas colaborativas de trabalho e o intercâmbio de artistas capixabas com artistas de outros estados e países.

Artistas



Mezzo Soprano

Ana Lucia Benedetti

Natural de São Paulo, a artista é bacharela em Música (Canto) pela Faculdade Mozarteum. Estudou com renomados professores, incluindo Hildalea Gaidzakian e Gabriel Rhein-Schirato, e hoje é cantora premiada, sendo vencedora do IX Concurso de Canto Maria Callas e Melhor Voz Feminina no IV Concurso de Canto Carlos Gomes. Destaca-se no cenário lírico com papéis como Amneris, em Aida, e Ulrica, em Un Ballo in Maschera. Sua musicalidade é reconhecida em repertórios sinfônicos, com performances de obras de Verdi, Mahler e Beethoven em prestigiados palcos, como o Theatro Municipal de São Paulo e o do Rio de Janeiro.

Fagotista

Ariana Mendonça

Natural do Espírito Santo, é a primeira mulher capixaba a se profissionalizar no fagote em seu estado. É mestre em Música pela UFRJ, bacharela em Fagote pela Faculdade de Música do Espírito Santo e pós-graduada em Educação Musical, acumulando diversos cursos de aprimoramento. Começou sua trajetória musical aos 13 anos, com o saxofone e, dois anos depois, iniciou os estudos de fagote. Hoje, integra a Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo e outras orquestras, destacando-se como solista. É também professora de fagote, focando em música de câmara e práticas interpretativas.



Assistência de Direção Artística e Curadoria

Cleiton Xavier

O maestro Cleiton Xavier é graduado em Música pela Faculdade Mozarteum, onde estudou piano com Sheila Glaser e canto com Benito Maresca e Mariana Cioromila. Ao longo de sua carreira, conquistou várias premiações, incluindo quatro categorias no Concurso Internacional de Coros de Curitiba, o Troféu Ernst Mahle e o Prêmio de Artista do Ano pela Câmara de Suzano. Além de atuar como regente, ministra aulas de técnica coral e interpretação em diversas cidades do Brasil. Foi assistente de curadoria da Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo e, desde 2024, é assistente de direção artística do Festival.



Clarinetista

Cristiano Costa

Natural de Niterói (RJ), começou a estudar música aos 13 anos na banda do colégio. Formou-se em Música na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em 2014, e foi bolsista em diversos festivais importantes, aprimorando-se com renomados clarinetistas internacionais. Venceu o concurso sul-americano do Encontro Internacional de Clarinetistas, na Argentina, e os concursos para Jovens Solistas da Orquestra Sinfônica de Goiânia e da Orquestra da Unirio. Como solista, apresentou-se com várias orquestras e em importantes teatros no Brasil e no exterior. Desde 2014, é líder do naipe de clarinetes na Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo e professor no Projeto Música na Rede.

Percussionista

Daniel Lima

Mestre em Música pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com bacharelado em Percussão pela Faculdade Mozarteum de São Paulo (FAMOSP) e formação no mesmo instrumento pelo Conservatório de Tatuí. Atualmente, é professor de Percussão Erudita na Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES), timpanista da Orquestra Bachiana Filarmônica Sesi-SP e percussionista da Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo. Como intérprete, destaca-se sua participação em concertos internacionais realizados na França, Alemanha e Estados Unidos, entre outros.



Soprano

Débora Faustino

Em 2023, protagonizou Ceci da ópera O Guarani, de Carlos Gomes, no Theatro Municipal de São Paulo. Debutou em 2013 no Carnegie Hall como solista na peça The Mass of Children, de John Rutter. Em 2018, interpretou Modistin em Der Rosenkavalier e foi uma das principais solistas na Missa de Bernstein, regida por Roberto Minczuk. Também cantou Papagena, em Die Zauberflöte, na Alemanha, e Micaëla, em Carmen, no México. Ficou em 1º lugar no concurso Zola Amaro, em 2022, e em 2º, no Concurso de Canto Natércia Lopes. No Theatro São Pedro, interpretou Pamina, em A Flauta Mágica.



Soprano

Débora Neves

Nascida em Bauru (SP), é artista, cantora e compositora, licenciada em Música pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) e especialista em Performance em Canto Lírico pelo Coletivo das Artes (FABRAS). Concluiu seus estudos em canto lírico no Conservatório EMESP Tom Jobim, em 2023, e está finalizando na EMM (Escola Municipal de Música), com a professora Andrea Kaiser. Atuou como Columbine, Arlequim e integrante do Coro na montagem da Ópera Fête Galante, de Ethel Smyth, no Festival Vitória Ópera Estúdio.



Tenor

Daniel Umbelino

Foi aluno da Accademia Rossiniana em Pesaro, estudando com Ernesto Palacio e Juan Diego Florez. Conquistou o público e a crítica como Belfiore em Il Viaggio a Reims, no Rossini Opera Festival 2019. É o vencedor do Primeiro Prêmio Masculino e Prêmio Personagem Alfredo Germont, no 15º Concurso Maria Callas 2016. Especialista em bel canto, seu repertório inclui papéis icônicos como Almaviva, em Il Barbiere di Siviglia, e Lindoro, em L'Italiana In Algeri, além de atuar em obras como La Traviata, L'Elisir d'Amore, Don Giovanni e tantas outras.

Foto: Priscila Han



Visagista

David Scardua de Aquino

Natural de Vitória, Espírito Santo, é formado em Comunicação Social/Jornalismo e Artes Visuais pela UFES, com estudos em figurino, caracterização e cenografia, no Rio de Janeiro, e em Cosmetologia, na Flórida (EUA). Destacou-se em montagens de óperas como Pagliacci, Madama Butterfly e O Barbeiro de Sevilha, além de peças teatrais como Mefisto e Um Corpo que Cai. Seu trabalho detalhista na caracterização de personagens enriquece a experiência e eleva a qualidade das produções nas quais participa.





Designer de iluminação

Fábio Retti

Iniciou sua formação profissional em 1996 no Centro de Pesquisa Teatral. Em 2005, estreou na cena operística com *Così Fan Tutte*. Desde então, desenvolveu mais de 80 títulos do repertório operístico nos principais teatros e festivais da América Latina e Europa. Recebeu o Prêmio Carlos Gomes de Ópera e Música Erudita, na categoria Iluminação, por *Andrea Chenier* e *Rigoletto*. Também venceu a 20ª edição do Prêmio Shell de Teatro, com o espetáculo *O Homem Provisório*, entre outros prêmios e várias indicações.

Atriz

Fabiana Vasconcelos Barbosa

É atriz e educadora, formada em Interpretação pela ECA/USP. Fundou o PEQUENO TEATRO DO MUNDO onde participa ativamente na concepção dos projetos, na criação dos espetáculos, na confecção e na manipulação das marionetes, além de ministrar oficinas. Faz parte da Cia do Tijolo, atuando em diversos espetáculos. Atuou no espetáculo *Ramom e Maraó*, do grupo Palavra Cantada, e com o Grupo Giramundo. Foi professora de teatro para crianças e atualmente atua como artista-educadora do projeto Rota das Artes, onde coordena o grupo de teatro.



Pianista e Preparador Vocal

Fabio Bezuti

Acumula apresentações e aulas em instituições renomadas como o Theatro Municipal de São Paulo, Theatro São Pedro, Manhattan School of Music, Westminster Choir College e Carnegie Hall (EUA), Accademia Vocale Lorenzo Malfatti, Florence Voice Seminar e La Lingua della Lirica (Itália), L'art du Chant Français (França) e Teatre Municipal de Girona (Espanha). Também atuou em festivais nacionais e internacionais, como o Festival de Inverno de Campos do Jordão, Festival de Ópera San Luis Potosí (México), Castleton Festival e outros.

Figurinista

Fabio Namatame

É formado em Comunicação e Artes pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Recebeu os prêmios APETESP, APCA, Sesc de Teatro SP, Prêmio Shell de Teatro, Prêmio Cultura Inglesa de Teatro, Prêmio Carlos Gomes de Ópera, Festival de Cinema de Paulínia e Prêmio SESC de Dança de Belo Horizonte. Criou figurinos para uma ampla variedade de produções, como Paraíso Perdido (teatro); Romeu e Julieta, O Guarani (ópera); O Rei e Eu, Evita (musical); Vem Dançar, da Cia Cisne Negro, Samba, da Cia Studio 3 (dança), entre outros.



Violonista

Fabio Zanon

Um dos artistas brasileiros de maior prestígio internacional, reconhecido por suas interpretações que unem imaginação e sonoridade poderosa. Vencedor de importantes concursos internacionais, como o GFA (EUA), Francisco Tárrega (Espanha) e Alessandria (Itália), Zanon já se apresentou em mais de 50 países, em locais prestigiados como o Royal Festival Hall, em Londres, e a Sala Tchaikovsky, em Moscou. Seu repertório inclui mais de 40 concertos para violão e orquestra, muitos deles estreias mundiais. Hoje, dedica-se à música de câmara, em uma enorme variedade de combinações e gêneros.

Foto: Heloisa Bortz

Baixo Barítono

Fellipe Oliveira

Alagoano, iniciou seus estudos de canto com Fátima de Brito, em Maceió, abandonando o curso de Medicina para se dedicar à música. Foi aluno de Martha Herr e aprimorou-se com Isabel Maresca, concluindo o Bacharelado em Canto na UFRN. Vencedor de diversos concursos de canto no Brasil, transferiu-se para Glasgow, onde obteve mestrados em Ópera e Performance Vocal no Royal Conservatoire of Scotland. Aperfeiçoou-se em Modena (Itália), com a soprano Mirella Freni. Em seus 19 anos de carreira, colaborou com importantes orquestras e cantou os papéis-título em Don Giovanni, Evgene Onegin e em Don Pasquale. Em 2022, lançou seu primeiro álbum, com repertório inédito de canções brasileiras de câmara.





Percussionista

Gabriel Novais

Bacharel em Música com habilitação em Percussão Erudita pela FAMES e pós-graduando em Música com Ênfase em Educação Musical. É natural de Tatuí (SP), onde iniciou seus estudos musicais aos três anos, no Conservatório de Tatuí. Em 2003, ingressou na Orquestra de Metais Lyra Tatuí, realizando turnês pelo Brasil, Alemanha, Espanha e Holanda. Como solista, esteve à frente de grupos como Orquestra Sinfônica do ES, Orquestra Camerata Sesi e Banda Sinfônica da FAMES. Atuou como músico convidado na Orquestra Sinfônica Brasileira e Orquestra Camerata Sesi, entre outras. É timpanista e chefe de naipe da Orquestra Sinfônica do ES e professor do Projeto Música na Rede.

Soprano

Gabriella Pace

Vencedora do Prêmio Carlos Gomes 2010, já colaborou com renomados maestros como Lorin Maazel e Roberto Minczuk. Entre os papéis que interpretou, destacam-se Jenůfa, Fiordiligi, Menina das Nuvens, Ilia, Pamina, Tytania, Eurídice e Adina. Participou de festivais de música de câmara no Brasil e na Europa, ao lado de músicos como Bengt Forsberg, Gilberto Tinetti e David Kadouch. Gravou o CD Ciclo Portinari e Outras Telas Sonoras, de João Guilherme Ripper, e a Canção do Amor, de Villa-Lobos, com a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. Em 2023, cantou *Così Fan Tutte*, no Theatro Municipal de São Paulo, e Copenhague, como Anna da Cunha, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e no XXV Festival de Ópera do Amazonas.



Tenor

Giovanni Marquezeli

Começou a estudar música aos quatro anos e hoje é um tenor reconhecido internacionalmente por suas performances líricas. Iniciou seus estudos em 2005 e, desde então, tem se apresentado em importantes centros culturais como Torino, Roma e Veneza. Em 2012, ganhou destaque ao quebrar uma taça apenas com o som da sua voz, em um desafio televisionado. Foi solista da Nona Sinfonia de Beethoven; protagonizou a ópera *I Pagliacci*, de Ruggero Leoncavallo; venceu o 1º Concurso de canto Decápolis de Andrade para tenores e o 3º Concurso de canto Natércia Lopes. Tem atuado como solista junto a importantes orquestras do Brasil.



Maestro

Helder Trefzger

Atua há mais de trinta anos como maestro titular da Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo. Estudou na UFRJ, na UFMG e na UnB e teve aulas complementares com professores do Conservatório de Moscou, Manhattan School of Music e Arts Academy – Istituzione Sinfonica di Roma. É mestre em Música (Regência, Práticas Interpretativas) e bacharel em Música (Regência). Já dirigiu, como maestro convidado, algumas das principais orquestras do Brasil e do mundo, em países como Itália, Portugal, Polônia, México, Chile, etc.



Assistência de Direção Cênica e Diretora de Palco

Helen Ferla

Iniciou sua carreira como bailarina e contrabaixista, atuou como diretora de cena e assistente de direção em teatros musicais de projeção nacional, iniciando sua trajetória como diretora de palco de Óperas no Teatro Municipal de São Paulo, onde executou dezenas de obras clássicas, como O Rigoletto, O Cavaleiro da Rosa, The Rake's Progress, contemporâneas internacionais, como Prism, e nacionais, como Homens de Papel e Navalha na Carne, trabalhando com os mais renomados diretores cênicos do cenário operístico do país, além de outras produções artísticas.



Percussionista

Léo de Paula

Percussionista, professor e compositor de trilhas sonoras para espetáculos de teatro e dança. Já se apresentou em países como Colômbia, Rússia, Inglaterra, Holanda, Sérvia e Estados Unidos, além de diversos estados do Brasil. É músico da Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo (OSES), professor do projeto Vale Música Espírito Santo e instrutor de oficinas do Museu Capixaba do Negro (MUCANE). Atua em diversos segmentos artísticos, tendo lançado dois álbuns solo: Caminhos e Órbitas, 2024; Grão: Território Percussivo, 2021. Ambos estão disponíveis nas plataformas digitais.





Violoncelista

Liana Meirelles

Natural de Campos dos Goytacazes, iniciou seus estudos aos 11 anos e hoje é bacharela em Violoncelo e mestre em Letras Neolatinas, ambos pela UFRJ. Conquistou o 4º lugar no processo seletivo para a Orquestra Sinfônica do Theatro da Paz, em Belém (PA), e participou de diversas orquestras, como a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Orquestra de Câmara da USP, Orquestra Feso Pro Arte em Teresópolis e outras. Atualmente, integra a Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo (OSES).

Flautista

Lucas Rodrigues da Costa

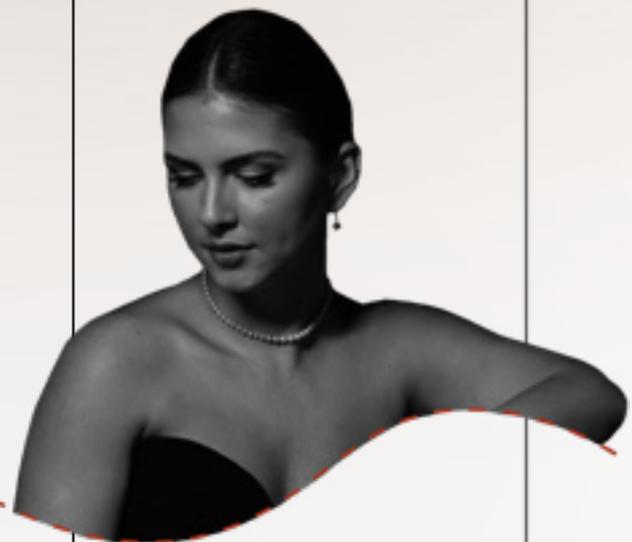
Iniciou o curso de Flauta Transversal sob coordenação dos professores Anselmo Pereira e Edson Beltrami. Participou do Encontro Internacional de Flautistas e do Festival Internacional Sesc de Música, entre outros, além de aulas com mestres renomados como Sophie Cherrier e Tadeu Coelho. Formou-se no Conservatório de Tatuí, em 2012, e atualmente é membro da Orquestra do Estado do Espírito Santo. Como concertista e camerista, atuou no programa Prelúdio (TV Cultura) e, em 2014, recebeu menção honrosa no IV Concurso de Música de Câmara do 52º Festival Villa-Lobos, no Rio de Janeiro.



Mezzo-Soprano

Marcela Vidra

Aos 29 anos, vem se destacando na cena operística brasileira com papéis como Rosina em O Barbeiro de Sevilha, de Gioachino Rossini, entre outros. Marcela colaborou com renomados maestros como André dos Santos, Abel Rocha, Cinthia Alireti, Gabriel Rhein Schirato, Maíra Ferreira, Priscila Bomfim, Vânia Pajares e Victor Hugo Toro, e com diretores cênicos como Julianna Santos, André Di Peroli e Ronaldo Zero.



Direção Cênica

Marco Gandini

Marco Gandini é um encenador italiano com vasta experiência em direção cênica, tendo colaborado com os renomados diretores Franco Zeffirelli e Graham Vick. Ele trabalhou em diversas produções nas principais casas de ópera da Itália, incluindo o Teatro alla Scala e a Ópera de Roma, além de atuar em companhias internacionais como a Metropolitan Opera e Royal Opera House. Gandini também tem um histórico de produções no Theatro Municipal de São Paulo, consolidando sua reputação no cenário operístico mundial.



Compositor

Marcus Siqueira

Natural de Caratinga, Minas Gerais, possui mais de 200 obras em diversas formações e já conquistou inúmeros prêmios de composição no Brasil, com mais de 40 trilhas musicais para o cinema e o teatro. As orquestras OSESP, OSN, OFMG, OSUSP, OSRTC, OSUFRJ, OSU e OSES estiveram em algumas de suas obras. Possui músicas, livros e ensaios publicados pelas editoras Universal Edition (Viena-Áustria), WIPEdizioni (Bari, Itália), DaVinci (Osaka, Japão), Osesp Editora, Lumme Editora, selo SESC, selo Água-Forte e selo Paulus, entre outras.

Direção Cênica

Menelick de Carvalho

Diretor teatral, ator e professor de teatro com 20 anos de experiência na direção de espetáculos teatrais, ópera, peças musicais, etc. É bacharel em Direção Teatral (UFRJ) e tem Mestrado em Artes Cênicas (UNIRIO). Entre suas produções recentes, destacam-se as montagens de O Elixir do Amor (2024) e Pagliacci (2023), no Theatro Municipal do Rio de Janeiro; e suas encenações de Carmen, em 2019, no Festival de Música Erudita do Espírito Santo, e em 2015, no Palácio das Artes. Desde 2013, é professor da Faculdade de Artes Cênicas da CAL.



Orquestra Residente

Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo



A Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo (Oses), uma das principais organizações culturais do estado, foi fundada em 1977 como Orquestra de Câmara, composta por músicos da Banda da Polícia Militar e da Escola de Música do Espírito Santo. Com mais de quatro décadas de atividade, tornou-se uma orquestra sinfônica reconhecida e foi regida por diversos maestros, sendo Helder Trefzger o titular desde 1992. A Oses dialoga com a cultura local, colaborando com grupos de cultura popular e promovendo projetos como Concertos Didáticos e Sinfônica no Parque. Atualmente, é gerida pela Companhia de Ópera do Espírito Santo, com financiamento do Governo do Estado através da Secretaria da Cultura.

Cenógrafo

Nicolas Boni

Doutor em História da Arte e bacharel em Belas Artes e Música pela Universidade Nacional de Rosário, o profissional tem mais de vinte anos de carreira internacional em teatros da Europa, Estados Unidos, China e América Latina. É autor da cenografia de mais de cinquenta produções, incluindo óperas, balés e musicais, com reconhecimento crítico. Recentemente, trabalhou em projetos como *Andrea Chénier*, *Madama Butterfly*, *Manon Lescaut* e *Carmen*, além de ter realizado produções de *Il Trittico*, *A Verbena de la Paloma* e *A Noviça Rebelde* em 2024.



Cia de teatro de bonecos

Pequeno Teatro do Mundo

Companhia de teatro de marionetes que cria memórias afetivas em todos os que cruzam seu caminho. Seus espetáculos sempre abordam temas sensíveis e são uma fonte de aprendizagem e inspiração. O repertório do grupo inclui cinco espetáculos que já circularam por todo o país, com apresentações em grandes teatros e importantes festivais, além de comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas, asilos e escolas de grandes e pequenas cidades Brasil adentro. Seu maior objetivo é levar a arte das marionetes para os mais diversos públicos.



Mezzo-Soprano

Priscila Aquino

Bacharela em Canto pela FAMES e qualificada em Artes Cênicas pela FAFI. Em 2017, integrou o Opera Studio, do Theatro Municipal de São Paulo. Seu repertório operístico inclui obras como Dorabella em *Così fan Tutte* (Mozart), Aspirina em *O Reino de Duas Cabeças* (Jaceguay Lins) e Missis Kneebone em *A Dinner Engagement* (Lennox Berkeley). Foi solista de obras como *Messiah* (Händel), *Requiem* (Mozart), *Magnificat* (Villa-Lobos), *Stabat Mater* (Dvořák) e *Missa Clássica* (Rauta). Atua como regente de coral na Ação Música na Rede e preparadora vocal no Algazarra Coral.



Quarteto de cordas

Quarteto Zuri

Quatro mulheres negras de diferentes regiões do país, compartilhando vivências e dividindo a mesma jornada nas cordas clássicas. O Quarteto Zuri é formado por: Jacqueline Lima, no violino 1; Emily Cristina, no violino 2; Dayse Sales, na viola; e Jéssica Vianna no violoncelo. Elas interpretam grandes obras, do erudito ao popular, destacando a potência das mulheres e o orgulho das pretas através da música. Líder do grupo, Jacqueline é ainda violinista da Orquestra Sinfônica do ES e vencedora do Prêmio da Música Capixaba 2023 (melhor instrumentista).

Pianista

Ricardo Ballestero

Tem dedicado sua carreira à música de câmara e à colaboração musical. Atuou como diretor musical em projetos com a São Paulo Companhia de Dança (SPCD), Orquestra Sinfônica da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e com o Coral Jovem do Estado de São Paulo. Realizou recitais, palestras e cursos em muitas cidades brasileiras e na Alemanha, Argentina, Bélgica, Canadá, Espanha, Itália, EUA, Portugal e Sérvia. Doutor pela Universidade de Michigan, atuou como professor na University of Colorado Boulder e, atualmente, leciona na Universidade de São Paulo (USP).





Oboísta

Rodrigo Herculano

Bacharel em Música e oboísta, se formou pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em 2016. Especializado em educação musical, atuou como chefe do naipe da Orquestra Sinfônica da Bahia em 2017 e foi o primeiro oboé solista da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Atualmente, é integrante do Quinteto Villa-Lobos e Trio de Palhetas do Rio de Janeiro. Também participa ativamente do cenário camerístico carioca e leciona oboé em projetos sociais e festivais de música.

Direção de fotografia

Ursula Dart

Sócia da Ladart Filmes, empresa produtora de audiovisual independente sediada em Vitória (ES). Com experiência de 20 anos como produtora executiva de filmes de curta e longa metragens, além de obras seriadas, é também diretora de fotografia, atuando em projetos experimentais, documentários e ficções. Formada em Direito pela UFES, se especializou em Documentário de Criação pela Universidade Autônoma de Barcelona e é mestra em Comunicação e Territorialidades (UFES). Também atua na curadoria de festivais e mostras de cinema, além de ministrar oficinas sobre temas relacionados à realização audiovisual.



Pianista

Willian Lizardo

Bacharel em Música com habilitação em Piano pela Faculdade de Música do Espírito Santo e mestre em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, atualmente recebe mentoria artística da prestigiada pianista Linda Bustani. Atuou em diversas salas de concerto, no Brasil e na Europa, como solista e camerista. Foi premiado nos concursos Villa-Lobos (2009), Souza Lima (2011) e no Concours International de Piano de Saint Paul Les Trois Châteaux (França, 2024). Foi ainda Melhor Intérprete de Alberto Nepomuceno, no 1º Concurso Internacional do EIPOC (Portugal), e, em 2023, conquistou o 1º lugar na categoria Concerto no Concurso GruPiano da Orquestra Sinfônica de Guarulhos (São Paulo).

Ficha Técnica do Festival

Produção

Júlia Silva - Produtora Executiva
Fabio Prieto - Produtor Logística
André Estefson - Produtor Operacional e Iluminação
Rafaella Vagmaker - Produtora Iniciativas
Grasi Teodoro - Produtora Oses
Morgana Santório - Assistente de Produção
Talita Silva e Fells Kenstein - Recepção

Comunicação

Érika Piskac - Analista de Comunicação
Lorenzo Savergnini (Plateia) e Fábio Prieto (Bastidores) - Fotógrafos
Casa Azul Conteúdo e Design para Sustentabilidade

Ana Paula Lopes / Claienny Viana / Lucas Stefanini - Design
Carmen Gonzáles / Dafne Dias / Inez de Oliveira / Mariana Menezes / Marcela Millan - Conteúdo e revisão de texto
Yumi Shimada - Colagens

Administração

Beatriz Nogueira - Analista de Administração
ContStart - Contabilidade

Sonorização

David Carlos - Produtor técnico
Ronald Igidio - Produtor técnico
Ipanema - Microfonação

Transmissão Audiovisual

Ursula Dart - Direção de fotografia
Belquior Guerrero - Assistente Musical na direção de corte
Alex Viana, Nuno Perim, Tati Franklin, William Rubim - Operação de câmera
Carlos Leite (Chacal) - Eletricista e Maquinaria
Ladart Filmes - Transmissão ao vivo

Ópera:

Marcus Siqueira - Compositor
Livia Sabag e João Luiz Sampaio - Libreto
Gabriel Rhein-Schirato - Direção Musical e Regência
Belquior Guerrero - Assistente de regência
Menelick de Carvalho - Direção Cênica
Fábio Bezuti - Pianista e Preparador Vocal
Helen Ferla - Assistente de Direção e Direção de Palco
Tarcísio Santório - Diretor de Produção
Nicolás Boni - Cenógrafo
Alicio Silva - Assistente de Cenografia
Andre Estefson, Dudu Guimarães e Alício Silva - Cenotecnia e adereços
Dudu Guimarães - Contrarregra
Beré - Maquinista
Gildo de Alfaia da Silva - Artista plástico, projetista, escultor e pintor
André Queiroz - Escultor e Pintor
Maxiel Loureiro Gonçalves - Fibrador
Diego Corrêa dos Santos - Cooperador de solda
Olivaldo Alvarenga dos Santos - Soldador
Fabio Namatame - Figurinista
Tamara Lopes - Assistente de figurino
Juliano Lopes - Modelista
Fernando Reinert - Costura
Antonio Ocelio de Sá Alencar / Morgana Farat - Adereços de figurino
Penha Fauster - Costureira
Ana Cláudia Alves e Erika de Paula - Camareira
Fábio Retti - Iluminador
David Scardua e equipe - Visagista
Equipe dos Teatros: Sesc Glória e Sonia Cabral
Irineu Franco Perpetuo - Tradutor
Wesley Higino - Legendas

Agradecimentos

Governo Federal

Ministério da Cultura
Lei Rouanet

Governo do Estado do Espírito Santo

Renato Casagrande - Governador

Secretaria de Estado da Cultura

Fabricio Noronha – Secretário de Estado
Carolina Ruas – Subsecretária de Estado da Cultura
Joemar Bruno Zagoto – Subsecretário de Estado de Gestão Administrativa
Maria Theresa Bosi - Subsecretária de Estado de Fomento e Incentivo a Cultura

Casa da Música Sônia Cabral

COES – Cia de Ópera do Espírito Santo

OSES – Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo

Shell

Fecomercio ES

Sesc

Hotel SENAC Ilha do Boi

Baluartes Cultura

Escola de Música Gabriel Camargo

Amigos e Familiares

Ana Maria Sabbag
Eliane Coelho
Eva Nogueira
Fábio Bezuti
Guilhermina Lopes
Helena Nielsen
Morgana Santório
Museu da Música Portuguesa (Conceição Correia)
Nathália Kato Giordano
Rainer Nielsen
Tânia Silva
Victor Braga

Equipe Técnica e Artística da COES, OSES e Festival

Equipe Técnica e Artística Sesc e da Casa da Música Sônia Cabral

Patrocínio Master:



Produção:

Apoio institucional:



Correalização:



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura



Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

